

SUMÁRIO

- 193 — ● Santificação da Vida pela Missa —
PADRE LAMBERT CLASSEN, S.J.
- 205 — ● A Memória de Dom Orione — PADRE
VALDÁSTICO PATARELLO, D. P.
- 213 — ● Crise em Nossa América — PADRE
MANUEL FOYACA, S.J.
- 224 — ● Internato na Educação Colegial — PA-
DRE J. N. ECKINGER, S.J.
- 238 — ● Latim e Atualidade — PADRE JOÃO
CARLOS CABRAL MENDONÇA, S. J.
- 244 — ● Novas Fundações Masculinas —
CERIS
- 253 — ● Note e Anote
- 255 — ● Recensões Bibliográficas

Santificação da Vida pela Missa

PE. LAMBERT CLASSEN, S.J.

NA FESTA de Santo Inácio de Loyola, dá a Igreja a seus sacerdotes e fiéis a seguinte fórmula de oração: "Senhor e Deus, a nossas ofertas queira se unir a bondosa intercessão de Santo Inácio, para que êstes santíssimos Mistérios, que determinastes a serem a fonte de toda santidade, nos santifiquem em verdade". Tal oração pela santificação de nossa vida por meio do Sacrifício de Cristo subiu ao céu, a primeira vez, partindo do coração do próprio Supremo Sacerdote Jesus Cristo. Em sua oração sacerdotal, que alguém chamou com razão de Ofertório para o Sacrifício do Gólgota. Ele ora ao Pai por seus discípulos: "Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade" (Jo 17,19). Pela santificação de nossa vida consagra-se o Senhor numa oblação perfeita, oferecendo-se na morte da cruz, a seu Pai, como uma Oblação coletiva por nós.

Lógicamente, deveríamos "em verdade" santificar-nos pela celebração dos "santíssimos Mistérios", que contêm as forças para efetuar uma santificação total de toda a nossa vida. Deveríamos pelo Sacrifício de Cristo, em que o mesmo Cristo pessoalmente se dedica até o extremo dos extremos pela nossa santificação, deveríamos, sim, viver em constante progresso de santidade em santidade. Se isto não sucedeu, a causa só pode estar em que não celebramos o Sacrifício de Nosso Senhor da maneira como Ele quer que façamos, seja por falta de reta compreensão, seja por falta da devida disposição em concretizar o que o Sacrifício de nós exige.

Como, porém, nós todos, padres e fiéis, segundo a expressão do Apóstolo "vocati sancti" (Rom 8,28), somos chamados para alcançar a santidade, e porque a nós todos se dirige mais a outra palavra d'Ele "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (I Tess 4,3), é o seguinte o problema de importância vital: como é que nós padres celebramos o Santo

Sacrifício, como é que nós fiéis concelebramos com o sacerdote. Ser um perfeito sacerdote e ser um perfeito cristão, ambos dependem da solução dêste problema.

Como devemos participar do sacrifício que se realiza aos nossos olhos, como devemos colaborar nesta realização, di-no-lo Nosso Senhor mesmo, numa linguagem muito clara, ao instituir êste Sacrifício. Di-lo ainda, de nôvo numa linguagem muito clara, o próprio Sacrifício, falando à nossa alma cheia de fé, pelos olhos, pelos ouvidos, pela presença ao alcance da mão. Basta, apenas, auscultar esta voz do Supremo Pontífice e de seu Sacrifício com fé viva e coração amante, e aquiescer prontamente. O Sacerdote, introduzido mais profundamente neste mistério, tem mais razões e maior dever de ouvir com fé e amor esta voz de seu Senhor; mas também o cristão consacrificante tem tôda necessidade de abrir o coração a esta voz do Mistério e com ela moldar sua vida.

O que se realiza afinal nos "santíssimos Mistérios"? O que eles significam para nós? O que deveriam significar?

1. *É, primeiramente, o Testamento de Nosso Senhor*, testamento precioso, que Jesus legou à sua Igreja e a todos os seus na véspera de sua morte sacrificial. A Igreja o leva consigo, como seu tesouro valiosíssimo, enquanto o tempo passa até à volta do Senhor.

É o mesmo Mistério que Deus humano, naquela noite eternamente memorável, celebrou entre os seus primeiros sacerdotes. Identicamente o mesmo. Naquela vez, realizou-se a santa celebração com um cerimonial simplicíssimo. Por muitas mudanças que houve na história da Igreja no correr dos tempos, no mesmo Mistério nada se mudou apesar das contínuas transformações de cada época. Ficou sempre o que é até o dia presente, como permanecerá imutável para o futuro.

Mudou-se, sim, a moldura que a Igreja, desde os tempos apostólicos, deu a êste seu inestimável tesouro. E sempre será sua amorosa preocupação inventar para esta pérola de infinito valor o engaste mais belo e mais expressivo que se possa excogitar.

Não se estranhe, pois, que a moldura dêste mistério sempre idêntico, que a Santa Igreja lhe arranhou no curso dos séculos, desde sempre tenha impressionado sobremodo os homens de senso apurado para a arte e a beleza, parecendo-lhes, não raro, a mais perfeita obra artística do mundo. Confessa o dramaturgo Hugo Ball: "Para os católicos, propriamente, não pode haver teatro. O espetáculo que os domina e os prende tôdas as manhãs é a Santa Missa". E Paul Claudel, grande ator dramático, quando após a sua conversão, fez a sua primeira visita à igreja, em Notre Dame, ficou tão arrebatado pela grandeza do drama sacramental que disse: "Foi a Poesia mais profunda e mais excelsa, foram os gestos mais sublimes que jamais foram permitidos a seres humanos. Não me pude saciar de olhar para o espetáculo da Santa Missa" (Jungmann, "Missarum Sollemnia", 2.^a ed., I, p. 4).

Por mais valiosa, porém, que seja a preciosidade da moldura, ela é superada em valor e dignidade pelo Mistério que a reclama, pois deve con-

tribuir para a sua plena valorização e efetivação. Ela é obra humana, ao passo que o Mistério é obra divina.

Este testamento do Senhor é que a Igreja tem sempre em vista, quando fala dos "santíssimos Mistérios" que nos devem santificar em verdade. Para nós, devem eles ser imensamente mais importantes e sagrados do que a sua moldura, a fim de que não seja frustrada em nós mesmos sua eficácia santificadora.

2. *"Isto é o meu corpo que é dado por vós... Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado por vós"* — é nisso que consiste o testamento sagrado do Senhor, ao partir. Corpo e Sangue separados um do outro, o Corpo entregue, o Sangue derramado: é a morte, morte cruenta, morte sacrificial, sacrifício mortal. "Meu" corpo e "meu" sangue — morte da própria pessoa, oferta da própria pessoa a uma cruenta morte sacrificial.

Uma vez só se realiza este Sacrifício pessoal do pontífice Jesus Cristo no altar da cruz, no monte do Gólgota, na grande Sexta-Feira Santa. Uma vez só acontece o incompreensível, ante o que o sol esconde seu rosto e a Natureza tôda estremece, eternamente uma única vez, como a Epístola aos Hebreus o acentua sem cessar e com grande ênfase (7,27; 9,12; 10,10; vid. Rom 6,10). "Isto" é o meu Corpo... "isto" é o meu Sangue. Inconcebível que seja ao pensamento e imaginação do homem, é palavra divina e verdade divina. O Mistério tremendíssimo operado na cruz, e já no cenáculo na véspera da morte sacrificial, sucede presentemente na Missa, do nascer ao pôr do sol, pelo decurso dos séculos até a consumação dos tempos. É o mesmo Sacrifício uma só vez oferecido pelo Pontífice que se imola por nós, "apenas mudada a forma de oblação" (*sola offerendi ratione diversa*), como a Igreja ensina no Concílio de Trento.

As espécies separadas entre si sobre o altar, as palavras da Consagração pronunciadas separadamente, representam visivelmente, palpavelmente, a separação do Corpo e do Sangue, a morte sacrificial na cruz. O mistério do Gólgota está em nosso meio. Torna-se, para os nossos corações, presença visível, audível, palpável e até nutritiva. Diz-nos assim: "Olhai com a vista, escutai com os ouvidos, saboreai com a bôca: eis bem aqui o meu Corpo dado por vós, eis bem aqui o cálice de meu Sangue derramado por vós. E adverti bem nisto: imolo-me a mim mesmo por vós até a última gôta do sangue de meu coração! Eu me santifico por vós, para que fiqueis realmente santificados!"

O que acontece sobre o altar, para falar com tôda a exatidão, não é simplesmente uma renovação do Sacrifício da cruz. Pois "renovação" supõe pluralidade e diversidade de acontecimentos, entre os quais existe a relação da identidade. Ora, o Sacrifício do altar e o Sacrifício da cruz não são dois sacrifícios idênticos entre si, mas é um só e mesmo Sacrifício, o de Nosso Senhor na cruz, que eternamente não se repete mais. E ainda para falar com tôda a exatidão: a Santa Missa também não é uma reatualização ou atualização do Sacrifício da cruz. Atualizam-se coisas que envelhe-

ceram, que diminuíram um tanto em valor ou influência. Mas o eterno Sacrifício de Cristo nunca pode diminuir em seu valor infinito nem sofrer a mínima redução em sua influência e eficácia imensas, pelo que não é capaz nem carente de uma atualização.

O que acontece sôbre o altar é, pelo contrário, uma apresentação do Sacrifício do Gólgota, uma incessante “apresentação” ou “agorização” (“re-presentation”) do sacrifício pessoal de Jesus Cristo por Ele realizado uma vez por tôdas. Aqui e agora sucede o que desde então e sempre está sucedendo. O passado está presente, o longínquo está bem junto de nós, quando se efetua o milagre da consagração. Deus humanado está oferecendo, pela santificação nossa e de todo mundo, o seu Sacrifício pessoal, seu Corpo dado e seu Sangue vertido. Por mais incompreensível que seja o milagre desta ação no presente, Jesus Cristo a exprimiou com uma inexcedível clareza nestes “santíssimos Mistérios”.

Milagre dos milagres, só mesmo o Senhor o pode realizar. Só o seu Amor onipotente, e sua Onipotência amante, é capaz de efetua-lo para a nossa santificação. O padre celebrante como que indica com a própria voz, quando diz do Corpo e Sangue do Senhor aí presentes: “meu” corpo . . . “meu” sangue. Parece desaparecer enquanto está agindo, desindividualizar-se e ser absorvido pelo Pontífice crucificado. Nesta função divina de sua vocação sacerdotal, pode aplicar a si esta realidade misteriosa: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim”. Também os cristãos concelebrantes devem com Ele desfazer-se de si mesmos e “revestir-se” de Cristo (Rom 13,14).

Concelebrar com fé e compreensão a imolação própria de Cristo realizada no presente só pode exercer uma operação santificadora em nossa vida.

3. *É para a remissão dos pecados* que o Corpo é dado e o Sangue é vertido. O Senhor no-lo diz na instituição do Mistério e pelo significado do Mistério. Esta palavra com que já nos familiarizamos exprime um arcano divino inacessível, assombroso, mas relacionado também com o nosso íntimo ser. O Sacrifício da cruz é também expiatório, desagravo por todos os pecados da Humanidade e pela culpa individual de cada um. Para prestar a satisfação em nome de todos e de cada indivíduo, entrega o Corpo à morte na cruz e o Sangue a escorrer das chagas de seu mesmo Corpo. É uma satisfação plena e até superexcedente à eterna Majestade do Altíssimo por tôdas as culpabilidades humanas.

O Sangue derramado brada aos céus mais potentemente do que outrora o sangue de Abel, mas em sentido avêss, implorando o perdão e a misericórdia, e não justiça e condenação. Por alto que brade ao céu o pecado humano “Pai, seja feita a minha vontade, não a vossa”, igualmente alto, que digo?, imensamente mais alto, sobe a voz dêste Sangue ao céu, em favor dos homens: “Pai, não se faça a minha vontade, mas sim a vossa!”. O clamor do perdão supera e abafa as vozes do pecado; e êste clamor chega até o coração de Deus Pai.

Oferecendo a vida por nós pela morte na cruz, Jesus liberta a humanidade e o indivíduo da suprema angústia e lhes consegue a vida na graça e comunhão com Deus. O Pai Eterno nos deu seu amado Filho Unigênito e “nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o reino de seu Filho muito amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Col 1,13-14). E o Filho de Deus com a sua morte “destruiu o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam; aboliu-o inteiramente, cravando-o na cruz. Despojou os Principados e Potestades, e os expôs ao ridículo, triunfando deles pela cruz” (Col 2, 14-15). Um frenesi de júbilo pascal deve enlevar a todos os homens: purificados pelo Sangue do Cordeiro de Deus, gozamos do agrado divino!

Somos semelhantes ao povo no deserto, sujeito a morrer do veneno dos ferimentos das cobras, mas salvo por um prodígio divino. Por isso devia e queria Cristo ser cravado na cruz, como Êle mesmo declarou a Nicodemos naquele colóquio noturno: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo o homem que nêle crer tenha a vida eterna” (Jo 3, 14-15). Em seu amor pelos pecadores, não só está pronto para o sacrifício, senão que o deseja ardentemente. É de seu batismo de sangue que Êle diz: “Mas devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que êle se cumpra” (Lc 12,50).

Em presença do Sacrifício da missa, esta voz do Salvador se dirige a nós junto ao ouvido e na comunhão a escutamos dentro de nós — desde que tenhamos o mínimo senso de gratidão. Eis bem à nossa frente o Sangue derramado pela nossa salvação! Tem muitas coisas íntimas a nos segregar, que palavras não dizem! Fala-nos assim: “Veja êsse mar imenso, êsse oceano enorme dos pecados da humanidade! Considere os pecados que você fez. Veja também o mar de seus sofrimentos e o infinito oceano de meu amor — êle supera a todos! Veja a desobediência de todo o mundo para com seu bom Pai dos Céus, e também a desobediência por parte de você mesmo! E como eu fui obediente até à morte, morte cruciante da cruz! Inutilizo a desobediência de vocês todos pela minha obediência, dando o meu Corpo e o meu Sangue ao sacrifício total”!

Para que esta voz de seu Sangue chegue até nós e nos penetre, para isso se faz a realização do sacrifício do Gólgota em nossa presença. Que a escutemos e a gravemos em nossa mente e em nossa vida. É em verdade digno e justo, razoável e salutar. Não esqueçamos jamais: “Quoties hujus hostiae commemoratio celebratur, opus nostrae redemptionis exercetur — Tôdas as vêzes que se faz a comemoração dêste sacrifício, se realiza a obra de nossa redenção” (IX Dom. depois de Pentecostes). Pode e deve ter um efeito santificante no homem todo e em sua vida toda.

4. *É o Sangue da Nova e Eterna Aliança* — são ainda palavras do Senhor na instituição dêste Mistério e na realização do Mistério.

Com o escorrer do Sangue do Redentor na cruz, fica estabelecida uma santa aliança. Deus e a Humanidade se abraçam como pai e filho. Na morte, sôbre o Gólgota, fala um Homem — que representa a Humani-

dade — a seu eterno Pai: “Pai, em vossas mãos encomendo o meu espírito”. E o Pai responde a êste homem encabeçando a Humanidade: “Meu filho, meu querido filho!”. Agora ambos, conciliados, se pertencem um ao outro; somos sua propriedade, Ele é nossa propriedade; somos seu povo, resgatado e conquistado, e Ele é nosso Deus, Deus-conosco, numa união mais íntima e cordial do que a de esposos.

A aliança feita com êste Sangue é uma Nova Aliança, aquela nova aliança vislumbrada na aliança do Sinai entre Deus e o Povo eleito. Já a Antiga Aliança é um mistério do amor divino, de sua incômprensível benignidade e condescendência. Mas tôdas as misericórdias e prodígios feitos a Israel são apenas indícios da glória desta nova e inaudita Aliança.

Esta Nova Aliança é uma aliança eterna. Se a Antiga Aliança, selada com o sangue de animais sacrificados, era transitória, esta nova é selada com o Sangue divino de Cristo e nunca terá fim. Desde que o Sangue divino jorrou da cruz, a Divindade e o Gênero Humano nunca mais se descontrairão.

A voz do Sangue divino ouvimo-la bem de perto na Santa Missa, e melhor a distinguimos na Sagrada Comunhão. É um incitamento enternecedor para uma vida santa. É mais precisa e mais persuasiva do que a voz do sangue dos sacrifícios do Antigo Testamento. “Pois, se o sangue de carneiros e touros e a cinza da novilha, com que se aspergem os impuros, santificam e purificam pelo menos os corpos, quanto mais sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno ofereceu a si mesmo como vítima sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras mortas para o serviço do Deus vivo?” (Hebr 9, 13-14).

Para não olvidarmos esta Aliança, mas sermos sempre mais cônscios de suas promessas e exigências, temos no presente a realização do Sacrifício do calvário.

5. *Mysterium fidei* — *Mistério de fé* — diz o celebrante enquanto se realiza no presente o milagre do Sacrifício de Cristo, o que, certamente, o Pontífice na primeira missa do cenáculo não pronunciou, mas tudo centralizou em torno dela. O Sacrifício de Cristo na cruz, ainda uma realidade atual na Missa e na Comunhão, é deveras o grande Mistério da Fé. Se é que há muitos outros mistérios de fé, todos estão contidos nos Mistérios da Encarnação e Redenção, pelas quais Deus humanado, por seu Sangue, opera a salvação da Humanidade e, com ela, a de toda a Criação. Esfuziando de alegria e entusiasmo à vista disso, escreve São Paulo aos Efésios: “É nesse filho, pelo seu sangue, que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que derramou profusamente sobre nós numa plenitude de sabedoria e de prudência. Fêz-nos conhecer o misterioso desígnio de sua vontade que, em sua benevolência, êle formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos, — desígnio de reunir em Cristo tôdas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. Nêle é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado de sua vontade” (Ef 1, 7-11).

Se a cruz ocupa o centro nos desígnios divinos, também a comemoração no presente do mistério da cruz é o milagre dos milagres, a soma de todos os mistérios, o monumento das obras de Deus. Na celebração deste mistério entramos no mundo das revelações e misericórdias divinas, principalmente ao receber o Corpo e Sangue do Senhor na comunhão. Então ficamos inteiramente impregnados do Mistério dos Mistérios, do que é mais santo na santidade (*sancta sanctorum*). Então nos fala o Amor Eterno, comunicando-se a si mesmo a nós para incitar-nos a uma vida santa: “escolhendo-nos o (Pai Celeste) nêle (Jesus Cristo) antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante de seus olhos. Predestinou-nos no seu amor, para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo a determinação da sua vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça que nos foi concedida por êle no Bem Amado” (Ef 1, 4-6).

Considerando com viva fé e amor este “Mistério de fé, percebemos o divino convíte do Amor Eterno a se revelar pela Criação e Redenção: “Pois eu sou o Senhor, vosso Deus. Vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo” (Lev 11,44). Como poderia Deus eterno incentivar a nós homens para a santidade de outra forma mais convincente e obrigatória?

6. *Tomai e comei... Bebei dêle (cálice) todos* — assim falou Jesus na Última Ceia aos Apóstolos, e assim Êle nos fala no mistério da Missa, o qual vira atualidade real nas espécies de comida e bebida. É um pedido cordial, mas também uma ordem. Por amor da própria vida devemos tomar esta comida e bebida: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6, 53-54).

Esta fala autoritativa de seu amor não permite interpretações dúbias. O Senhor crucificado estabelece seu Sacrifício pessoal dentro de nós e de nossa vida, e nos transfere a nós para dentro de Si e de sua oblação pessoal.

De “comer” uma mensagem divina fala a Bíblia mais vêzes. Deus chama a Ezequiel para seu mensageiro com tal ordem: “E tu, filho do homem, escuta o que eu te digo: não sejas indócil, como essa raça de rebelados. Abre a boca e come o que te vou dar”. Olhei e vi avançando para mim uma mão que segurava um manuscrito enrolado. E foi desdobrado diante de mim: estava coberto com escrita de um e outro lado: eram cânticos de tristeza, de queixumes e de gemidos. “Filho do homem, falou-me come o rôlo que aqui está, e, em seguida vai falar à casa de Israel”. Abri a boca, e êle mo fêz engolir. “Filho do homem, falou-me, nutre o teu corpo, enche o teu estômago com o rôlo que te dou” (Ez 2, 8-10; 3, 1-3). Semelhante ordem divina é dada ao vidente de Patmos (Apoc 10,8 ss). Sempre a mensagem divina quer introduzir-se primeiro no íntimo do homem, para por êle ser incorporada e assimilada, e depois por êle se dirigir a todo o mundo.

Os dois livrinhos que Deus dá a comer a Ezequiel e a São João são como simples capítulos daquele grande livro que Deus dá a saborear no Sacrifício de seu Filho, dando-nos em alimento êste seu Filho crucificado. Êste livro também está escrito por dentro e por fora, tão exuberante é seu conteúdo. Contém tudo o que Deus em seu amor infinito nos quer transmitir, tudo o que Êle mesmo quer ser para nossa vida e nossa eternidade. Devemos impregnar o nosso íntimo de seu conteúdo, apropriar-nos dêle e incorporá-lo em nosso ser, e então anunciá-lo ao mundo. É o livro da vida em Cristo, com Cristo e por Cristo, livro da santidade. Livro nunca suficientemente estudado em nossa vida tôda, nunca transmitido suficientemente ao mundo!

Pela comunhão, portanto, tomamos ativamente uma dupla obrigação: quer o ensimesmar do Senhor sacrificado, de seu amor crucificado, em nosso próprio ser, quer o testemunhá-l'O assim por nossa própria vida. Estejamos ou não advertidos disso, obrigamo-nos ao serviço d'Aquêlê "que nos amou e por nós (por nossa santificação) se ofereceu" (Gal 2,20) e que disse esta palavra: "E quando eu fôr levantado da terra, atrairei todos os homens a mim" (Jo 12,32).

7. "*Fazei isto em memória de mim*" — com esta ordem final, Jesus indica o modo desta referida santificação nossa e colaboração na santificação do mundo. Também esta enunciação tão simples, embora de um significado transcendental, Nosso Senhor a proferiu então na Última Ceia e a repete ainda hoje na Missa. Dirige-se aos sacerdotes, inseridos que estão no cerne de seu Sacerdócio divino pelo sacramento da Ordem. Mas também se dirige a todos os fiéis, incluídos também em seu Sacerdócio pelo Batismo, por êle feitos, "um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus" (1 Ped 2,9) especialmente autorizados e intimados, por seu sinal indelêvelmente impresso, a concelebrar o Sacrifício de Cristo como uma classe sacerdotal rodeando o sacerdote, e assim juntos como uma assembléia sacerdotal em tórno do Eterno Sumo Sacerdote Jesus Cristo, sacerdote dos sacerdotes.

Vós, mortais, fazei isto! O que êle faz devemos fazê-lo nós, seus sacerdotes, seu povo sacerdotal. Devemos oferecer o seu sacrifício. Morrendo sacrificialmente na cruz, não o fêz por meio de um sacerdote "sacerdotis ministerio", nem por meio de um povo sacerdotal, "sacrae plebis ministerio". Também na noite anterior ao seu Sacrifício da cruz, quando o atualizou antecipadamente, não usou do auxílio de ninguém. Mas na sua Igreja oferece o seu Sacrifício sempre com o auxílio de seu sacerdote como representante de todo o seu povo, de tôda a sua Igreja, especialmente da que está reunida ao redor do altar, e nunca de outro modo. Aqui Êle oferece o seu Sacrifício sempre como o nosso sacrifício, sacrifício de sua Igreja, de seu Corpo Místico.

Nisto deve haver um só coração e uma só alma. O que sucede dentro do Sumo Sacerdote deve suceder concomitantemente dentro do celebrante e dos fiéis concelebrantes. O que sente a Cabeça deve ressentir-se nos mem-

bros. Nesta ação sacrificial, encerra a seguinte exortação uma obrigação santíssima: "Tende em vós a estima que se deve em Cristo" (Fil 2,5). Feitos semelhantes a Ele na união com Ele, devemos com Ele oferecer o seu Sacrifício.

Em memória de mim! Como grata recordação d'Ele. Como paga do amor com que nos amou e se entregou por nós. Um encargo de indizível condescendência e sublimidade!

No preparo do Sacrifício, devemos interiormente "revestir-nos de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Rom 13,14), embebendo-nos de seus sentimentos. Sentimentos do mais puro e santo amor. Seu amor ao Pai Celeste, como diz no caminho do Sacrifício: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra" (Jo 4,34). Seu amor aos homens, quando diz: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (Jo 15,13). Seu amor sem nenhum egoísmo, do qual foi dito: "humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Fil 2,8). Seu amor plenamente realizado como amor de Deus e do próximo intimamente entrelaçados.

No fogo deste amor consome-se a Vítima na cruz. Como assevera a Epístola aos Hebreus, este fogo é o mesmo Espírito Santo; pois pelo Espírito eterno ofereceu a si mesmo como vítima sem mácula a Deus" (Heb 9,14). Inflamado deste amor do Espírito divino, torna-se um Sacrifício integral, verdadeiro "holocaustum" em honra do Pai Celestial e pela salvação da Humanidade.

Imbuídos interiormente deste Espírito divino, abrasados interiormente deste fogo divino, poderemos concelebrar o Sacrifício de Nosso Senhor como convém. Então Ele nos santificará cada vez mais em nosso íntimo ser e durante o transcurso de nossa vida.

Transformados pelo Sacrifício de Cristo num amor sempre crescente, numa santidade sempre evoluinte, teremos força para triunfar do mundo n'Aquêle que disse: "Coragem! Eu venci o mundo" (Jo 16,33). Em torno de nós acontecerá o que o Senhor exige no Sermão da Montanha: "Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16). A vida do padre e do cristão revelarão, num quadro vivo, a Deus ao Mundo. Então o Corpo Místico de Cristo cresce por força do Corpo eucarístico de Cristo. A tais padres e tais cristãos refere-se a palavra do Evangelista: "o que está em vós é maior do que aquele que está no mundo" (I Jo 4,4).

8. *A reta predisposição antecedente* requer-se para os santos Mistérios "santificarem em verdade" a nós e ao mundo. Neste "Santo dos Santos" não se deve entrar displicentemente sem um certo preparo interior, como já na Antiga Aliança o Sumo Sacerdote não entrava no santuário interior do templo sem preparo, uma vez ao ano, na Festa da Reconciliação.

Para avistar-se com um homem influente de alta posição costumamos ajeitar bem as coisas, principalmente se fôr o caso de um negócio importante, um grande empreendimento, uma urgente necessidade pessoal. Re-

fletimos como havemos de proceder e expor o assunto, pomo-nos em forma e prontidão, ávidos de receber tôdas as palavras do grande homem. Na Santa Missa se trata de um encontro santíssimo, de um assunto importantíssimo para cada um de nós pessoalmente e para todo o mundo. Avistamo-nos como nosso Senhor e Criador, que, além disso, foi por nós crucificado. Num encontro de uma intimidade sem par, como não pode haver outra em nossa vida. O assunto é o que motivou a Encarnação de Cristo e a sua morte na cruz. Trata-se da nossa vida e da de todo o mundo, da vida para a qual existe o homem e o mundo, da qual Cristo disse: "Eu vim para que as ovelhas tenham a vida, e para que a tenham em abundância" (Jo 10,10); vida que promana do coração da Divindade, como Ele também disse: "Igualmente como o Pai que me enviou, vive, e eu vivo pelo Pai, assim também o que me come viverá por mim" (Jo 6,57). Trata-se do magno e máximo assunto, pelo qual Jesus fez as orações mais ardentes em sua vida terrena, na sua Oração Sacerdotal.

O que a Sagrada Escritura nos exorta a fazer antes de encontrarmos-nos com Deus vale por êste mais santo e mais misterioso encontro do homem com Deus, nesta terra: "Antes da oração, prepara a tua alma, e não sejas como um homem que tenta a Deus" (Ecl 18,23). Não basta uma concentração de formalidade, uma simples elevação de espírito, qualquer fórmula de oração. O mistério da morte do Senhor requer uma preparação correspondente, a prontidão para o sacrifício pessoal unido ao do Salvador.

Para uma correspondência total ao Ato Sagrado, não devemos opor nenhuma restrição, nenhuma limitação, nenhuma recusa a Nosso Senhor. Ele deu tudo, até à última gota de seu Sangue, pela nossa santificação. Assim devemos também nós sacrificar tudo para isso em união com Ele. Devemos considerar que é o nosso caminho para a morte, morte interior com o Crucificado, da qual exclusivamente brota a vida. Para um tal seguimento de Cristo crucificado é que alude, pròpriamente, o tópico: "Se alguém quizer vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Porque aquêlê que quizer salvar a sua vida, perdê-la-á, mas aquêlê que perder sua vida por minha causa, encontrá-la-á" (Mt 16,24-25. Refletindo bem com quem vamos ter e a que fim vamos, a ida para o altar aparece como coisa, sangrentamente, séria e santa. Nem reverência bastante nem amor suficiente poderemos mostrar ao Senhor, acompanhando-O no caminho da morte.

9. *O trato lhano de coração a coração* do Coração de Jesus conosco e de nosso coração com Ele é um requisito evidente, ao se realizar a atualização no presente do mistério da morte de Nosso Senhor, sôbre o altar pela Consagração e, dentro de nós, pela Comunhão. Ele nos diz coisas sublimes e importantíssimas: é a fala de seu Sangue, de seu Coração alanceado. Não nos devem faltar ouvidos, coração e tempo disponível. São os momentos mais preciosos e mais agraciados de nossa vida.

10. *A reta predisposição subsequente* é de se exigir do mesmo modo que a antecedente, para colher ótimos frutos do encontro sacramental com Deus. Este encontro objetiva a nossa vida atual. Quer impregnar nossa vida e mesmo transbordar, quer transformar e moldar toda a nossa vida, em sua natureza e em suas realizações.

Com uma santa preocupação na mente devemos retirar-nos do recinto sagrado, preocupação de viver segundo o "Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim", de efetuar nossas ações "per ipsum et cum ipso et in ipso — por Ele, com Ele e dentro d'Ele", de viver "no Senhor" numa nova verdade, numa nova força, num novo contentamento. O encontro cordial com o Senhor junto à cruz deve tornar o meu coração mais amoroso, mais amante de Deus e dos homens e principalmente mais amigo de Jesus crucificado. Ainda mais, deverei ser incentivado e impelido pela força de seu amor, do qual o Apóstolo diz: "O amor de Cristo nos impulsiona, considerando que, se um só morreu por todos, logo todos morreram. Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu" (II Cor 5,14-15).

Se por nossa culpa, neste encontro com Cristo na Missa, falharemos os efeitos salutareis, então não distinguimos ou não distinguimos o suficiente o "Corpo do Senhor" e, na mesma medida, em vez da vida havemos de "comer e beber a condenação", tornando-nos "culpáveis no Corpo e Sangue do Senhor" (I Cor 11,27), deixando perder-se o Sangue derramado do Salvador.

Não é só muito o que o Senhor exige de nós, neste encontro tão misterioso do Sacrifício e Banquete sacrificial, mas sua exigência é absoluta, reclama toda a nossa pessoa e toda a nossa vida. Ele quer "atrair tudo a si", nossos propósitos e ações, nossa vida e experiências, até nossa própria morte. Exige de nós uma vida conforme o dito de São Paulo: "Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor" (Rom 14,8).

Esta amorosa preocupação pela eficiência do santo encontro com Cristo evidencia-se pela oração piedosa e devota. A "vida no Senhor" é a graça a ser implorada. Mundialmente conhecida é a oração "Alma de Cristo, santificai-me". É uma súplica da santificação pessoal sempre mais aprimorada, súplica brotada do íntimo do mistério da Missa. Uma santificação pessoal que consiste na vida de Cristo dentro de nós irradiando-se santificadamente pelo mundo ambiente — exprime-a uma oração recente de P. Eberschweiler. Por se tratar de uma prece nascida do mais íntimo mistério do Mistério do Sacrifício, queremos dá-la ao concluir:

"Meu Jesus, Vós já entrastes na glória do Pai. Já findou o vosso viver terrestre tão sacrificado. Mas Vós quereis continuá-lo dentro de mim. Aceito, com prazer, Senhor. Vinde, pois, morar em mim; a casa é vossa, dispõe das coisas a vosso gosto. Cortai os laços a nós, cegos do amor próprio egoísta, que nos impedem de agir com inteira liberdade. Meu Jesus, revelai-Vos dentro de mim, fazei de mim uma reencarnação vossa, vivei a minha vida por meio de mim. Mas ficai também responsável pelo meu

amor natural à vida, à minha evolução, à minha felicidade pessoal, pois só em Vós eu posso confiar sem tal pontinha de desconfiança. Antes que eu quebre este nosso acôrdo, me deis a morte logo. Tenho um só desejo: que minha casa agrade a Vós e convenha a vossos anseios”.

Tal vida no Senhor é a verdadeira Ação de Graças exigida pela Missa. Mas uma tal vida, parece, dificilmente se conseguirá sem a prática da devota e sincera “Ação de Graças para depois da Santa Missa”.



“A família cristã tem urgência em se renovar cristãmente, segundo as exigências da Igreja, para estar em condições de liderar as transformações segundo as exigências da realidade brasileira” — diz Frei André de Rezende.

— Como começar a renovação?

— *Marcar com o sinal de Cristo nossos menores gestos, nossas idéias e nossos afetos, nossa ação pessoal e social. Ler os documentos da Igreja. Apaixonar-se pelas conquistas da Igreja. Valorizar o trabalho apostólico. Integrar-se em movimentos capazes de orientar a promoção familiar. Esse estado de receptividade cria uma dinâmica de aperfeiçoamento favorável à ação da graça divina.*

É útil lembrar aqui certas diretrizes pedagógicas de João XXIII:

- * Quando a raiz é sã, a árvore cresce vigorosa mesmo entre pedras.
- * A frente de tudo é preciso conduzir a chama da caridade e da paz.
- * O amor humano, sem o contato com Deus, leva a todos os excessos e termina sempre em tristeza.
- * Onde falta a base do amor de Deus há bem pouco que esperar.
- * Respeitar a liberdade de ação é o melhor modo de tornar os outros benévols, devotos e dóceis aos bons conselhos.
- * Paciência e calma, eis duas belas qualidades.
- * A ordem e a caridade são o que mais vale. A cortesia é um aspecto da caridade.
- * Como é necessário imitar o Senhor e ser paciente com os homens!”

Maria Junqueira Schmidt, Catequese Urgente (Apostilha)

À Memória de Dom Orione

PE. VALDÁSTICO PATARELLO, D.P.

A Pequena Obra da Divina Providência celebra neste ano de 1964 o Jubileu de Ouro: cinco decênios de atividades benéficas em nosso Brasil. Dom Orione, ainda jovem sacerdote, mandou seus primeiros missionários para aqui, ao amanhecer de 1914. Quer agora esta discreta síntese biográfica ser uma homenagem ao Fundador e aos pioneiros de sua Obra em terras de Santa Cruz, esperando em outra oportunidade darmos um quadro das realizações dos Filhos da Divina Providência neste primeiro meio século de vida em nosso País.

DOM LUÍS ORIONE teve origem humilde: filho de Vittorio Orione, calceteiro de ruas, piemontês, e de Carolina Feltri, doméstica, de estirpe veneziana. Nasceu em Pontecurone, Itália, a 23 de junho de 1872, sendo o último dos quatro filhos.

Luizinho foi sempre afetuosíssimo para com os seus; seguia o pai no duro trabalho de calcetar as ruas. A sua nativa piedade o inclinou desde cedo em direção ao altar. A 4 de setembro de 1885, tendo treze anos, entra no convento dos franciscanos de Voghera. Às vésperas de receber o hábito religioso, uma violenta pneumonia pô-lo às portas da morte. Teve então um sonho: "Vi como que desaparecer a parede dos fundos da minha cela, e surgiu uma fileira de seminaristas todos com uma alvíssima sobre-feliz. . .". Visão que se tornou realidade em 1927, quando aquele convento passou a pertencer-lhe e foi por ele transformado em seminário menor.

Regressando ao seio de sua família, por fragilidade de saúde, apresentou-se mais tarde, em Turim, a Dom Bosco, ficando sob a sua direção paterna. Ali permaneceu três anos, a partir de 1886, e terminou o curso ginasial. Entrega-se com confiança ao mestre, que o tem entre os

seus alunos mais queridos. Por um tão estimado sacerdote o pequeno Orione oferecerá a própria vida, conservando-lhe sempre uma devoção terníssima. “Um dia, Dom Bosco, estreitando-me a si e encarando-me com os olhos fixos, disse-me: “Lembra-te de que seremos sempre amigos”. No momento de decidir entre o noviciado salesiano e o seminário, foi tomado por uma profunda angústia. Superou a crise com um dos seus famosos sonhos, no qual apareceu, para confortá-lo, Dom Bosco: “resplandecente como nunca teria imaginado, trazendo nos seus braços uma veste talar despregada, êle num instante ma vestiu. Não disse palavra; somente me olhou com um dulcíssimo sorriso. Acordei em pranto, mas era um pranto confortador. Finalmente eu estava certo de que o Senhor me queria no seminário”. Com efeito, Orione entrou no Seminário de Tortona, a 16 de outubro de 1889.

A longa doença que levou seu pai à tumba em janeiro de 1892 liqüidou-lhe as poucas economias, de tal modo que Luís, para continuar os estudos, desempenhou um dos três lugares de guardião da catedral reservados aos seminaristas mais pobres. Recebia 12 libras por mês, das quais podia ainda transferir seis para outro seminarista pobre.

As primeiras experiências

E foi justamente na sacristia daquela catedral que Luís Orione deu início à sua grande obra de educador. Tinha vinte anos quando, na quaresma de 1892, lhe veio ao encontro um menino expulso da aula de catecismo da paróquia de São Miguel. Confortado pelo Clérigo Orione, o garoto retornou depois a êle, acompanhado de outros colegas. “Eu lhes ensinarei a doutrina cristã” — prometeu-lhes Luís. Alegrava-os com pequenas histórias e com êles passava o tempo em santo entretenimento. Tempos depois, o bispo dava o seu próprio jardim e diversas salas do palácio episcopal, no andar térreo. Foi o primeiro oratório festivo aberto na diocese.

Mais tarde, instruído pelo estudo e pela experiência, haverá êle de escrever: “O oratório festivo é a nossa primeira ocupação, é o campo da nossa batalha. A salvação da juventude do mundo inteiro, mais que nos colégios, que são antes hospitais, encontrar-se-á nas escolas e nos oratórios festivos”.

A sua missão, não obstante as dificuldades, se delineia em seus contornos, toma forma e se consolida. Quando a tenra vergôntea parecia ceder às forças contrárias, eis a reanimá-la Maria, sob cujo manto azul apareceram “tantas e tantas cabeças, tôdas de meninos que brincavam e confraternizavam. Eram de diversas côres, de côr branca, preta ou bronzeada, e se perdiam na imensidão da planície, em número incalculável que nem eu podia prever”.

Não havia mais dúvida. A sua vocação já estava assinalada, a sua missão entre os jovens era ser educador. A 15 de setembro de 1893, apresenta-se ao bispo: “Excelência, há um grupo de 14 ou 15 meninos pobres,

todos filhos de lavadeiras ou de gente que se ocupa no trabalho da lavoura. Permita que se abra um pequeno colégio". Exatamente um mês depois, a 15 de outubro de 1893, o colégio funcionava, entrando os primeiros alunos. Velocidade miraculosa. O clérigo obteve do bispo, para a aula e assistência, outros clérigos, dos quais alguns permaneceram definitivamente com ele, como Carlos Sterpi, seu braço direito e primeiro sucessor, e Albera, sagrado depois Bispo de Mileto.

A Obra se desenvolve na realidade, e os caminhos futuros, nas idéias límpidas e na visão bem clara de Luís Orione, vão se concretizando. Em 1895, finalmente, entre as fileiras de jovens, depois de ordenado sacerdote, podia ele cantar sua Primeira Missa.

Agora não vive senão para os seus rapazes. Assim ele vai concebendo o tipo de educador. O trabalho o absorve; porém, o contato com centenas de meninos do oratório e do nôvo colégio de Santa Clara não o empobrece espiritualmente. Foi esta a alvorada heróica da Congregação, quando os dias se prolongavam até alta noite, deixando-se por fim cair Luís em cima de um banco para breve repouso.

Mas não recuava. Pouco depois abria um outro colégio em Noto, na Sicília. Enquanto isso, impele os moços para o bem. . . alguns dos quais, tornados sacerdotes, caminharão junto dêle, nas suas batalhas. Traça as linhas características: piedade ardente, santa fadiga, educar catolicamente, formar alunos profissionalmente capazes, levar as turbas ao Papa. Almas! Almas!

Caracteriza desde então para si e para os seus a atividade educacional como apostolado, como expansão de amor, usando do vigor de seu pulso paterno, apoiado contudo na doçura persuasiva do sentimento maternal. A base é a religião e o lema é paulino: "Pietas ad omnia utilis est" — a piedade é útil para tudo. Quando se libertam no jovem as fontes do espírito, levar-se-á à maturação todo o homem, com a sua capacidade perfectiva nas ciências, nas artes e no civismo.

"Os sacramentos são regulamento e vida. Sem os sacramentos, como poderiam os nossos rapazes frear as paixões e mostrar-se filhos honestos? . . . A disciplina é paterna, sim, mas em matéria de estudo é intransigente e o colégio é clericalíssimo. Nossa finalidade é formar católicos honestos, francos, todos de uma só peça, ou padres apóstolos". Por isso, afirmavam seus antigos alunos: "A educação dêle visava a fazer-nos sinceros, leais, retos. Era uma escola de retidão moral". Ele mesmo chamou seu sistema de "cristão-paterno".

A expansão da Obra

Demorariamos muito se quiséssemos descrever as várias arrancadas ascensionais da Obra de Dom Orione. Os institutos se multiplicaram, nascem numerosos oratórios, abrem-se escolas, ultrapassam-se as fronteiras da Pátria. Um trabalho tão colossal torna-se possível só pela afluência de vocações religiosas aos seus seminários, de onde sairão sacerdo-

tes formados segundo o seu critério para labutar em sempre novas instituições. Dom Orione está presente para salvar órfãos no terremoto de Calabro-Siculo, de 28 de dezembro de 1908, e no de Marsica, de 13 de janeiro de 1915.

Dá vida também a uma congregação feminina, em outubro de 1917 — as Pequenas Missionárias da Caridade — às quais confiou o serviço dos pobres, dos enfermos, dos pequeninos, das crianças abandonadas ou em perigo.

Educar, assume no seu espírito um sentido sempre mais vasto e, pouco a pouco, transpõe êle a esfera da idade evolutiva para seguir as criaturas em todos os seus estádios. Ocupa-se, conseqüentemente, dos operários, não só com círculos, mas também com casas onde eles encontram conforto ao voltar das oficinas, desejosos de repouso. A sua sensibilidade humana, aperfeiçoada pelo ardentíssimo amor cristão que o havia estimulado a adotar o lema "Instaurare omnia in Christo", de São Paulo, inclina-se para aqueles mais feridos pela desventura, os rejeitados pela humanidade, que êle denomina de "bons filhos" ou geralmente "pérolas da sociedade", acolhendo-os em seus asilos, os Pequenos Cottolengos. "O Pequeno Cottolengo — escreve êle — deve ser o pára-raios das grandes cidades. . . À sua porta, não se pergunta a quem entra se tem um nome, uma religião, mas somente se tem uma dor". Recupera o recuperável; faz rezar e trabalhar; funda escolas médico-pedagógicas como na Itália e na Suíça. Dá-se o prodígio de crianças mutiladas que escrevem com os antebraços ou que se distinguem com santa ambição nos trabalhos mais variados. Há igualmente um influxo de esperança em direção àqueles pobrezinhos esquecidos pela tão elogiada civilização atual. São dêle ainda estas palavras: "Em nome da Divina Providência abri os braços e o coração a sãos e doentes, de toda idade, religião e nacionalidade; a todos gostaria de dar, com o pão do corpo, o divino bálsamo da Fé, mas especialmente aos nossos irmãos que mais sofrem e estão abandonados".

Mais tarde, prosseguindo no mesmo sulco de caridade, os seu filhos abrirão casas para os pequenos mutilados em Roma, Milão, Nápoles, Messina, Palermo. Era o impulso missionário a guiá-lo. Duas vezes veio à América: uma em 1921-1922 e outra em 1934-1937. Estêve no coração do Brasil, donde escreveu: "Existem comerciantes que para o algodão e as riquezas estão lá, e não haverá o sacerdote para as almas e para os pobres?"

O trabalho de Dom Orione se conclui com um esforço titânico para dar forma à sua Congregação, na ânsia de que ela fôsse estruturada segundo o espírito de Deus, cimentada pela caridade e acabada pelo sentido mais agudo da responsabilidade pessoal.

Em 1927 lançou a todos os párocos da Itália um apêlo para a coleta das vocações. A circular é uma verdadeira obra-prima literária e . . . psicológica: "Quando rapaz, andava eu com a minha pobre mãe a recolher espigas, e venho também agora *in nomine Domini* a recolher outras espigas deixadas atrás, aquelas humildes espigas que poderiam perder-

-se. . . algum juvenzinho pobre, talvez um pouco esquecido, mas com o candor da inocência e os sinais da vocação ao serviço de Deus. . .”

A arte educativa, a fineza intuitiva de Dom Orione transparecem sobretudo na formação dos seus clérigos. Algo de novo, de arrojado, se une a quanto de sábio e de bom traziam as formas tradicionais de piedade, de cultura e de civismo. Abre os seus seminários ao diálogo com o mundo moderno que é proeminentemente o mundo do trabalho. Ele desfruta e põe em movimento este novo potencial. O elemento trabalho será portanto o banco de prova, o altar do holocausto, a auréola da consagração de seus seminaristas, que, sem nada tirar à austera formação cultural, encontrarão tempo para construir as casas dos pobres e erguerem santuários a Nossa Senhora. Ele canta a epopéia de estudo e trabalho como de uma idade heróica, querendo perpetuá-la na vida de sua Congregação, no espírito de fé operante e de piedade vivíssima.

Num célebre manifesto lançado por altura da conclusão do Santuário em honra de Nossa Senhora da Guarda, em que trabalharam os seus religiosos, assim fala: “Tortona. . . Olha aqueles pequenos trabalhadores do Santuário. Parecem-te aprendizes de pedreiros, e são os Levitas de Deus! Estão vestidos de farrapos e de cal, mais pobremente do que Francisco de Assis. . . mas um dia há de vê-los. . . Deus os transformará em apóstolos, e eles se dividirão pelo mundo “in vinculo fraternitatis. . .”

Noutra ocasião concita-o nestes termos candentes: “Coragem, meus filhos! Preparai-vos todos para serdes apóstolos, na pátria ou fora, mas é absolutamente necessário que todos sejamos apóstolos de fé, de amor a Deus e ao próximo, de amor a Nossa Senhora, de amor ao Papa e à Igreja. Quem não quer ser apóstolo, saia de nossa Congregação. Hoje, quem não é apóstolo da Igreja, é apóstata”.

Dom Orione viveu o Cristo total, do berço à cruz, seguindo na Igreja a sua permanência e evolução entre os homens. Renova a poesia natalícia com os presépios vivos em Tortona, Voghera, Novi-Ligure. Escreveu um drama da Paixão que, levado a cena, renova tôdas as fases comoventoras do caminho de Jesus ao Calvário.

Seu apostolado é poliédrico, atinge a todos. . . e quer seguir seus alunos, inclusive além de seus institutos. E em maio de 1934 lança as bases da Associação Nacional dos Ex-Alunos: “Não teria jamais suposto ser ainda recordado e tão amado, e que fôsse assim tão viva, com a chama do coração, a chama da fé, o espírito e a vida honesta e religiosa da educação cristã recebida”.

O grão de trigo que morre. . .

A Congregação cresce e prospera como uma planta de alto tronco. De ano para ano surgem novas ramificações. Mas Dom Orione, operário da Providência, ia exaurindo-se: “Sofro um pouco do coração, o que me faz dar voltas de um lado para outro durante horas, sem ter

descanso". A Dom Sterpi, que lhe recomendava repouso, depois da primeira grave crise de 9 de setembro de 1939, mandou dizer: "Renuncio à saúde, renuncio à vida, mas quero cumprir o meu dever até o fim".

Este homem, diante de centenas de jovens, pôdia bem acender um facho, transmitindo às suas almas centelhas de vida. Era o grande, o inesquecível educador. Fascinava os moços que, livremente, por um impulso de honra, subiam ao cume onde ele vivia, senhor do espírito e da matéria.

Em março investe-o nôvo ataque. É constrangido a abrigar-se em São Remo e exclama: "Não é entre palmas que quero morrer, mas entre os pobres que são Jesus!" E havia escolhido o Instituto de Borgonovo que dava pão e teto a uma centena de órfãos, todos paupérrimos. Mas a morte veio colhê-lo três dias depois, na noite de 12 de março de 1940, com o nome de Jesus sobre os lábios.

Seus restos mortais passaram sob as bênçãos e aclamações de toda a classe de pessoas, em verdadeiro triunfo de São Remo para Gênova, Alexandria, Milão, Pavia e Tortona, onde ele agora repousa na cripta do santuário que erigiu como monumento de amor a Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe nossa.

*

* *

A mensagem que Dom Orione deixou foi a da caridade. A caridade, só a caridade, dizia ele, salvará o mundo. O Evangelho encarnado na vida oferece o único testemunho e argumento para induzir os homens a receberem Cristo, vivo na Igreja, que é conduzida pelo seu Vigário na terra, o Romano Pontífice. O Papa será o ideal supremo de sua Pequena Obra, indicando a finalidade de seu apostolado no "trazer e unir os filhos do povo e as classes trabalhadoras à Santa Sé". Assim se expressa ele, com todo o seu ardor: "A Igreja não foi fundada para uma época, para um povo, para uma forma de governo. Ela traz consigo em todos os tempos a salvação de todas as nações. O que ela já realizou para tirar a sociedade antiga do seio da barbárie, ela o fará amanhã para arrebatar a sociedade moderna de qualquer erro e desvio. . . Amemos a Santa Igreja, amemos o Papa e os Bispos apaixonadamente. Nascidos nestes últimos tempos, tempos de novos perigos, não cessemos nunca, nunca, nunca, de dar ao mundo exemplos luminosos de íntimo afeto, de humildade, de obediência inteira, de caridade para com a Igreja e o Papa. Consideremo-nos sumamente honrados se nos fôr permitido fazer ou sofrer alguma coisa pela santa causa da Igreja e do Papa, que é a causa de Deus".

Nada achamos melhor para concluir que dar em síntese o programa e como que o próprio retrato de Dom Orione, através de suas mesmas palavras: "Diante da maior falência que já viu o mundo, diante de tanta ruína e ódio que mata a humanidade, somente o amor de Cristo poderá renovar a terra. Os interesse e a política dividem os homens: a religião

e a caridade os unem! É preciso criar o homem nôvo: o homem da caridade! Será um obstáculo eficaz à onda lamacenta que ameaça transtornar tôdas as coisas.

“Como sanar a incredulidade moderna? Com o fogo da caridade! Os sagrados rios da caridade, canalizados pela Igreja, se espalhem pela terra para vivificá-la e fecundá-la de Cristo! . . .

“O Catolicismo, que é cheio de verdade divina, de caridade, de juventude, de fôrça sobrenatural, erguer-se-á no mundo e se colocará à frente do século que nasce para conduzi-lo à honestidade, à fé, à civilização, à felicidade, à salvação”.

E estas são as perspectivas de esperança ecumênica que se enquadram magnificamente no Concílio Vaticano II e nos anseios do Peregrino Apostólico, o nosso Santo Padre Paulo VI.



“A ordem que há de estar em vigor na comunidade humana é tôda de natureza moral. Pelo fato de fundar-se na verdade, tal ordem deve realizar-se consoante os preceitos da justiça; requer que o amor recíproco a verifique e aperfeiçoe; por fim, preservada sempre a liberdade, cumpre recompô-la cada dia com equilíbrio cada vez mais humano.

Ordem de tal gênero, porém, de princípios universais, absolutos e imutáveis, tem sua fonte e fundamento no Deus verdadeiro, pessoal e transcendente. Deus, verdade primeira e bem supremo, é, por isso, o manancial profundo e único em que há de buscar sua genuína vitalidade uma sociedade humana bem ordenada, fecunda e condizente com a dignidade do homem. É a isso que se refere Santo Tomás de Aquino, quando assevera: *O fato de a razão do homem ser a regra de sua vontade, pela qual avalia seu grau de bondade, vem-lhe da lei eterna, que é a razão divina... Donde se infere que a bondade da vontade humana depende muito mais da lei eterna do que da razão do homem* (Suma Teológica, 1a., 2a., q. 19, a.4; cf. a.9)”.


JOÃO XXIII,

Pacem in Terris

Precisamos arranjar horas de repouso, momentos de solidão. E-nos preciso recuar para podermos julgar a ação passada, para têmos uma visão de conjunto, para nos pacificar-nos e para conseguirmos ver claro. Isto é o *equilíbrio*.

REUNIÃO DE DIRIGENTES DO APOSTOLADO VOCACIONAL

TENDO em vista as normas da Obra Pontifícia das Vocações Religiosas e do Plano de Emergência dos Bispos do Brasil, e atendendo aos evidentes anseios de todos aqueles que labutam no campo do apostolado das vocações, resolveu o Departamento de Vocações da CRB convocar, para o próximo mês de julho, um Encontro, ou melhor, uma REUNIÃO DOS DIRIGENTES DO APOSTOLADO VOCACIONAL no Brasil.

Dizemos "Reunião", porque não será um simples encontro para troca de opiniões, nem curso, nem conferência. Vamos nos reunir para juntos traçarmos planos concretos e tomarmos resoluções práticas com vista a um trabalho de conjunto.

Dizemos "Dirigentes", devido à nomenclatura variada que geralmente se aplica àqueles que trabalham no campo das vocações e também para significar que, devido ao número reduzido de lugares (50), serão convidados para essa Reunião apenas os que trabalham no mesmo campo com tempo integral.

A Reunião terá quatro partes: 1) *Curso introdutório sobre os fundamentos dogmáticos, psicológicos e pastorais* (parte esta que será de curta duração e terá por finalidade colocar bases sólidas e únicas para um trabalho de conjunto); 2) *Estudo de um Plano de ação geral e de um Plano trienal em âmbito nacional*; 3) *Formação de Equipes Regionais que articulem o movimento em suas respectivas regiões, representando o Departamento em causa da CRB*; 4) *Decisões práticas* (não simples conclusões, pois dessas já estamos cansados) *para levar avante os planos estudados e aprovados nas partes anteriores.*

A Reunião durará oito dias (de 19 a 26 de julho) e será numa localidade perto de Jundiá, lugar tranqüilo e ameno, para facilitar um estudo concentrado e frutuoso.

Será somente para ordens e congregações masculinas (sacerdotes e irmãos) e contará com a presença de alguns membros do Episcopado (dois já aceitaram o convite), alguns padres seculares e um leigo representando o Clube Serra do Rio de Janeiro. O mesmo Clube Serra enviará provavelmente um ótimo técnico em publicidade, que nos orientará sobre o assunto.

Se algum padre ou irmão que trabalha exclusivamente como diretor do apostolado vocacional em sua província não tiver recebido o convite, queira escrever-nos imediatamente.

NOTA: *As congregações femininas aguardem mais um pouco e rezem bastante pelo feliz êxito de nossa Reunião. Chegará também o dia delas.*

PE. ODÍLIO ONOFRE, C. SS. R.

Diretor do Depto. de Vocações da CRB.

Crise em Nossa América

PROBLEMA DEMOGRÁFICO-ECONÔMICO-SOCIAL

Uma mudança de estruturas

PE. MANUEL FOYACA, S. J.

(Continuação do número anterior)

II — BUSCANDO SOLUÇÕES . . .

PASSEMOS à segunda parte, em busca de soluções para tão grande problema.

Convém fazer, em primeiro lugar, um exame das causas que têm contribuído para esta crise na América Latina, apurando responsabilidades.

A) — FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CRISE

Põe-se, desde logo, esta pergunta: são culpáveis nossas classes ricas? A resposta é afirmativa.

1. Falta de sentido social nas classes ricas

Para falar do modo mais suave possível, tem faltado a nossas classes ricas um sentido social em consonância com os tempos.

Nossa economia, desde o século passado, pesou principalmente sobre os ombros de imigrantes da Europa: espanhóis, portugueses, italianos, alemães. . . Depois, os filhos aqui nascidos continuaram seus negócios.

E estes imigrantes europeus foram para a América uma dádiva valiosa. Jovens, cheios de sonhos e ambições, para quem sua própria terra não abria um futuro de esperanças, cruzaram o Atlântico em busca do "el dorado". Iludiu-os a fábula, mas na América criaram com trabalho e honradez riquezas e famílias. Afanosos em recolher, foram pródigos em derramar; e com o nome deles legaram à posteridade grandes instituições de caridade e beneficência popular, nas terras da América e nos torrões da Europa. Os méritos deles são muitos e é justo reconhecê-los.

Contudo, a nossas classes ricas, urbanas e rurais, tem-lhes faltado adivinhar e prevenir os novos rumos destes tempos. Não compreenderam o bastante que o sentido social, neste século, não se esgota na função paternalista daquele que se considera ministro da Providência para administrar uma riqueza posta em suas mãos, como em concha, para o próprio usufruto e socorro ao próximo. Os tempos mudaram e as classes populares não se conformam já com desfrutar quanto lhes caia das mãos abundantes de seus amos. Têm consciência de seus direitos, em uma época democrática na qual se reafirma a igualdade que Deus pôs na natureza dos homens; e reclamam esses direitos apoiados no Evangelho, cuja pedra angular é a justiça social. Não compreenderam as mudanças dos tempos nem se adiantaram a facilitar reformas necessárias de estruturas que hoje se exigem por revolução.

2. Irresponsabilidade e corrupção dos governos

São culpáveis também nossos políticos, nossos governos. Em todos os nossos países há grandes políticos, antes e agora, expoentes de virtudes cívicas, próceres da Pátria. Contudo, também é certo que em nossos países abundam os politiqueiros, os que fazem da política uma profissão lucrativa, um negócio. E estes são culpáveis por diversas razões: por improvisação e falta de estudo dos grandes problemas, complicados até o ponto de não poderem se abandonar à mera iniciativa privada; por corrupção administrativa, vendendo-se aos interesses da oligarquia antes da demagogia e agora; por abandono de funções econômicas de planificação, sempre difíceis; por desfrutar o gozo do poder. Também os políticos são culpáveis por esta crise da América Latina que poderia ter sido prevenida se soluções ao menos tivessem sido adiantadas.

3. Irresponsabilidade dos trabalhadores

São culpáveis, de algum modo, os trabalhadores. Primeiramente, por incultura moral. Muitos não despertaram, até os últimos anos, para uma legítima ambição de melhorar a vida; e agora despertam para os embustes de falsos profetas. Outros não sentem a necessidade da emancipação, por não terem educação moral; gastam seus magros salários no vício: bebem, não têm continência. Os demais não foram capazes de se organizar em

associações operárias que reivindicassem seus direitos e melhorassem sua condição. Contudo, nas classes humildes se decantaram as grande virtudes da América Latina, à espera de quem as descobrisse para o bem de todos. Não é justo acusar os trabalhadores, artífices do futuro, de culpas cuja responsabilidade moral pouco lhes cabe.

4. Exploração internacional imperialista

Não é mister incluir Espanha e Portugal nesta causa. Sua influência oficial em nosso Continente faz tempo que cessou; e quando a exerceram, êles se acomodaram às normas então vigentes da política econômica. Outros impérios posteriores deixaram na América Latina sua marca, prolongando o caráter colonial na estrutura econômica de nossos países, quando na política já há mais tempo eram soberanos. Não é preciso citar nomes, pois são de todos conhecidos os interesses financeiros em manter-nos como exportadores de matérias-primas agrícolas e minerais, às quais fixam os preços, introduzidas de nôvo, manufaturadas, com o preço majorado pela elaboração.

Felizmente êste critério imperialista vai passando, e um sentido de solidariedade humana favorece a mudança da política econômica com vistas internacionais.

5. Menosprêzo de valores terrenos por parte da Igreja na América ?

Fala-se também em culpa da Igreja Católica nesta crise da América Latina. Existe agora uma corrente que acusa a Igreja na América de responsabilidade por ter exagerado um sentido ultramístico, de costas para os valores terrenos. Quem tal afirma desconhece, porém, inteiramente a história da Igreja na América Latina.

Basta abrir as Leis das Índias e comparar estas normas da colonização espanhola com as que imperavam na mesma época em outras terras sujeitas a outros impérios, completando o estudo com o da legislação social moderna. À Igreja, protetora dos índios, coube o velar por seu cumprimento, ainda que muitas vêzes contra os interesses dos colonizadores. Basta recordar instituições culturais, econômicas e beneficentes dos séculos XVI ao XVIII, para reconhecer a obra terrena da Igreja na América, quando o Poder temporal, dadas as leis, deixava em mãos privadas a realização.

Alcançada a independência das nações ibéricas no século XIX e nem sempre com signo católico, a América teve de contentar-se com seu clero indígena, escasso em número e apenas suficiente para atender aos assuntos estritamente pastorais, abandonando em mãos do Estado os de ordem material.

Por outro lado, o clero ibérico que no final do século XIX e princípios do XX se mudava por sua conta para a América, carecia de um sen-

tido social moderno, não generalizado ainda na Península Ibérica, pois que a industrialização, em pleno desenvolvimento na Inglaterra, Bélgica, França, Alemanha etc., não havia penetrado na Península, colocando em toda sua crueza o problema social. E embora não tivessem faltado vozes isoladas a bradar o perigo, só depois de 1936 se compreendeu o problema. Desde então, os sacerdotes que de lá vêm para a América Latina trazem um sentido social e uma abertura para o temporal em nada atrás aos de outros sacerdotes da velha Europa. Não há, pois, culpa na Igreja Católica na América; e se algo se lhe pudesse imputar corresponderia a tempos mais próximos, depois das grande Encíclicas sociais de Leão XIII e de Pio XI. Mas não é a hora de atribuir culpas senão de acabar de despertar para uma ajuda na transformação de estruturas com signo cristão; e hoje a Jerarquia da América Latina toma consciência de que a crise de nosso Continente não se resolve com uma ação meramente pastoral e espiritual.

Feita esta análise de causas, passemos à busca da solução.

B) — NECESSIDADE DE UMA MUDANÇA DE ESTRUTURAS

Todos concedemos que na América Latina é urgente desenvolver a economia. Não há senão que reformar a organização social e aperfeiçoar a ordem jurídica. E para este fim se apresentam fórmulas diversas que sirvam de padrão. Antes de analisá-las por confronto, convém notar que em todas elas entra em jogo a relação existente entre a liberdade individual e o poder do Estado, entre o bem particular e o bem público ou comum. São estes os elementos essenciais.

1. Apresentação de esquemas

Apresentaremos três fórmulas. Três fórmulas em abstração filosófica, como esquemas, forçosamente simplistas e reduzidas a grandes linhas. Tais como as apresenta o esquema, não existem na realidade sempre complexa; mas, para melhor compreensão, utilizamos abstrações.

São três fórmulas que representam três momentos na história atual. Um "individualismo", encarnado no capitalismo liberal passado; um "coletivismo", personificado pelo marxismo-comunismo que apregoa o futuro; e um "solidarismo", expressão do catolicismo social, que quer ser o presente como retificação do passado e esperança do futuro.

Devem estes três sistemas responder a uma série de perguntas fundamentais e essenciais em toda ordem jurídica, econômica e social. Fá-las-emos por partes e em termos concisos.

a) *Filosofia da vida*

O "individualismo", o capitalismo liberal de nossos maiores, professava um materialismo agnóstico. Não negava a ordem divina, nem o espiritual; desconhecia-os. Punha o valor nos bens materiais e no dinheiro, chave do prazer. Materialismo agnóstico ou deísmo sem Providência, com um Deus esquecido da história humana.

O "coletivismo" marxista, no outro extremo, professa um materialismo absoluto; não há espírito. Mas, um materialismo que se tem por científico e atua no ateísmo militante.

No meio, o "solidarismo" cristão conjuga os dois elementos primordiais que compõem o mundo, matéria e espírito, num dualismo harmônico; em Deus põe seu princípio e fim, como Criador, Pai e Juiz.

Distinta conceituação da vida ilumina os planos destes três sistemas.

b) *Relação Homem-Sociedade*

Para o "individualismo" — o nome o indica — o homem é o principal. Tudo se submete ao EU, sujeito de direitos; ao eu individual e egoísta, explorador de seu semelhante. . . Tudo para o indivíduo!

Para o "coletivismo", o centro é a coletividade, a sociedade, a classe proletária. E o homem não passa de uma peça encaixada no conjunto. . . Tudo para a coletividade!

Mas, para o "solidarismo", cada homem não é um átomo, uma peça, um indivíduo. Cada homem é uma pessoa, unidade de destino, para quem Deus criou o Universo, como cenário e instrumento do livre desenvolvimento de sua personalidade. Não existe o homem isolado, e, sim, associado com seus semelhantes; e nesse consórcio, coordenando liberdades, encontrará sua perfeição e realizará seu destino. . . O homem se sacrifica à sociedade, para que a sociedade por sua vez aperfeiçoe o homem!

c) *Regime de bens*

Como se hão de usar os bens materiais?

A resposta do "individualismo" é taxativa: regime de propriedade privada absoluta, sem condições; o "jus utendi et abutendi" sem qualquer restrição. . . Propriedade privada sem função social!

A resposta do "coletivismo" é também apodítica: propriedade coletiva. Mais ainda, é função social que a coletividade, o Estado, delega em mãos de um particular como administrador. . . Propriedade, função social!

A solução do "solidarismo" se apóia nestas considerações. Deus criou os bens materiais para todos os homens. Mas, para que todos os homens desfrutem melhor desses bens, institui-se como exigência natural um regime de propriedade privada no uso dos mesmos. Não é, portanto,

uma propriedade privada absoluta, abusiva, sem obrigações para com o próximo, senão uma propriedade privada, condicionada pelo bem comum...
Propriedade privada com função social!

d) Regime de empresa

O "individualismo" defende a livre empresa, sem intervenção estatal.

O "coletivismo" quer a empresa estatal, não aceitando a propriedade privada dos meios de produção.

O "solidarismo" dá aos particulares a iniciativa econômica, consagrando a primazia da livre empresa; mas reconhece e exige do Estado uma prudente intervenção, tanto quanto seja necessária para o bem comum.

e) Valorização do trabalho

Respondendo a esta pergunta — se no "individualismo" o trabalho era mercadoria sujeita a oferta e demanda, avaliada como a matéria — no "coletivismo" ele é bajulado, adjudicando-lhe a maior valia, usando-o como instrumento para o assalto ao poder; exerce-se a ditadura em nome do proletariado, mas este continua escravizado como no capitalismo liberal.

No "solidarismo" cristão, o trabalho é um direito e um dever. O conceito se amplia para abarcar toda forma de atividade lucrativa. E, divinizado com o exemplo de Cristo, é exercício necessário ao desenvolvimento da personalidade. Para o trabalho se reclamam direitos, ao menos não inferiores aos do capital, na regência da empresa e na gerência da economia nacional.

f) Estrutura social

Quanto à estrutura social, o "individualismo" valoriza de fato só uma classe, a capitalista; ao passo que o "coletivismo" de fato e pelo direito só aceita a sobrevivência do proletariado. Para o "solidarismo" todas as classes são legítimas, como expressões das diversas profissões, e ele as harmoniza.

g) Regime político

Sobre o regime político, o "individualismo" prefere uma democracia inorgânica, um sufrágio universal, sujeito não raro a restrições, a condicionar o voto à cultura ou às contribuições. O "coletivismo", em sua democracia popular, restringe também o sufrágio. O "solidarismo" pratica uma democracia orgânica, na qual junto a um sufrágio universal-individual exerce-se um sufrágio orgânico, através de organismos naturais como a família, o município, as profissões.

h) Regime internacional

Finalmente, na ordem internacional, o “individualismo” capitalista exerceu o imperialismo econômico, sujeitando uns países à exploração de outros; e o “coletivismo” da URSS continua exercendo um novo imperialismo de tipo político. O cataclismo social aspira a uma solidariedade humana em uma Sociedade de Nações.

Eis aí uma série de respostas que dão as notas essenciais destas três fórmulas ou sistemas que disputam o mundo. Convém, contudo, acrescentar umas observações sobre a realidade.

Observações sobre a realidade

A primeira observação é esta. Não existe já no mundo o sistema individualista, tal como o praticava o capitalismo liberal. Isso foi coisa do século XIX e de princípios do XX, e dificilmente em nossa América Latina ele se encontra com as características sublinhadas no esquema. Foi corrigido, em primeiro lugar, pelas leis trabalhistas — fruto da ação tutelar dos governos ou da pressão de organismos sindicais, quando não cessão altruísta dos próprios patrões, adiantando-se aos operários e às leis; e foi reformado por necessidades prementes da economia política.

É, portanto, simplista — para dizer o menos — o “slogan” generalizado pelo comunismo: “Abaixo o capitalismo”. É um lema para os incautos, ainda que em seu número figurem alguns “católicos sociais”. “Capitalismo” é um equívoco que esconde realidades distintas. Ainda se pode chamar de capitalista a forma de empresa preponderante na América do Norte, embora existam grandes diferenças entre a realidade atual e a passada; e o capitalismo persiste na Alemanha, reconstruída depois da guerra. Em nossa economia ocidental prepondera o regime de salário, ao qual se pode chamar de “capitalismo popular” ou de “economia de mercado”; e enquanto assim fôr, dominará um regime capitalista em suas linhas essenciais. Entre a destruição que quer o comunismo e as reformas que os democratas desejam há notáveis diferenças.

Considerando a outra fórmula, a coletivista, convém fazer outrossim algumas observações. Na Rússia se implantou o capitalismo de Estado e agora está em vigor um socialismo; mas não se pode passar ao comunismo. Stalin dizia que ao comunismo se chegaria depois de um século, quando esquecido na tumba ninguém fôsse reclamar-lhe pelo embuste. Khrushchev, mais audaz, promete-o para 1980, seguro também contra o protesto. É que a forma de vida comunista é uma utopia para a grande maioria da humanidade, somente possível para pequenos grupos muito setetos, como os que formam as ordens e congregações religiosas, com seu voto de pobreza. Que cada um trabalhe segundo suas forças, para receber não segundo seu trabalho mas segundo sua necessidade, é pedir demasiado; sobretudo, se esta obrigação se impõe a todos sem baseá-la numa ordem autêntica moral.

Em nossa América Latina apresenta-se o sistema russo, sobretudo depois da revolução castrista, como solução ideal para nossos problemas, por sua grande produção e justa distribuição. É-nos apregoado o bem-estar do povo da URSS, dos chineses e dos cubanos. Uma consideração apoiada em números porão as coisas em seu devido lugar.

O comunismo desenvolve extraordinariamente a grande indústria. Nela, o que os soviéticos chamam de Grupo A — que corresponde aos bens de produção, como aço, cimento, grande maquinaria, material de guerra — tudo isto o comunismo na Rússia tem desenvolvido astronômicamente. Entre 1929 e 1952 — anos da industrialização de Stalin — 64% do total das inversões econômicas foram canalizadas para este setor. Daqui sua enorme potencialidade bélica. Porém, o Grupo B — que compreende a produção de bens de consumo, a indústria transformativa que melhora o nível de vida para o povo — obteve no mesmo período apenas 7,2% das inversões; e a agricultura, base da alimentação, do vestuário e do calçado, 9,4%. O resto, até 19,4%, diz respeito aos transportes. Os dirigentes dizem que este é um sacrifício do bem-estar presente sobre o altar da geração futura; porém, seria mais sincero, dado o nível industrial já alcançado, reconhecer que é preparar a guerra.

Insistindo em comparar estes dois grupos da indústria, Schwarz apresenta-nos estes dados. A indústria produtora de bens de consumo, que em 1913 representava 66,7% do total industrial, desceu no Primeiro Plano Quinquenal (1928-1932), de 60% para 46%, continuando em sua diminuição relativa até 1961, quando representa 27%. A indústria de meios de produção, em contrapartida, que em 1913 significava apenas 33%, aumentou no Primeiro Plano Quinquenal de 39 para 53% e prosseguiu em sua ascensão até alcançar em 1961 73%. Esta inversão de curvas é eloquente (12).

Análogo resultado se obtém analisando a produção agrária. Considerando o valor desta produção de 1913 equivalente a 100, encontramos que em 1922 como consequência do comunismo de guerra e da guerra civil, a produção de bens agrícolas havia baixado para 85. Lenine compreendeu então que a economia ia se arruinar e deu uma maior liberdade à iniciativa privada, sobretudo no campo. Fruto dessa Nova Política Econômica, certamente não comunista, foi o aumento da produção agrária, que em 1928 representava 111% da de 1913. Julgou Stalin, então, que havia chegado a hora de coletivizar a agricultura para com suas reservas industrializar o país; e de novo baixou a produção para 98% do nível de antes da guerra. Pela pressão estatal, torna a subir, forçando a coletivização, alcançando em 1940 142% relativamente a 1913. A guerra foi funesta e baixou a produção para 113% em 1946; mas, com a paz, subiu de novo, chegando a cerca de 140% em 1953, quando da morte de Stalin. Até aqui o valor comparativo da produção agrícola, em termos absolutos e

com relação a 1913. Se avaliarmos o "per capita", dado o crescimento da população, encontraremos que, afora uma ligeira superação em 1928 e em 1939, o cociente de bens agrícolas se mantém abaixo da cota de 1913. Até 1952 não chega a superá-la de modo definitivo (13).

Resumindo em um quadro o processo da produção pecuária da URSS, básica para a alimentação e o vestuário, temos os seguintes números em milhões de cabeças.

	Ovinos	Bovinos	Suínos
1916	121,2	60,6	20,9
1922	—	45,8	12,1
1926	123,1	65,5	21,6
1928	146,7	70,5	26,0
1932	52,1	40,7	11,6
1935	61,1	49,2	22,5
1939	80,9	53,5	25,2
1953	109,0	56,6	28,5
1959	129,6	70,8	48,5
1961	135,0	81,9	—

(14)

Deve se advertir que a queda entre 1928 e 1932, fruto da coletivização, é mais acentuada que a produzida pela guerra entre 1939 e 1946; que somente em 1956 para os ovinos e em 1958 para os bovinos se atinge o nível de 1916 em números absolutos, pelo que o "per capita" continua sendo inferior; e que o desenvolvimento logrado depois da morte de Stalin se deve a uma liberação de Khrushchev em face da propriedade privada kolkhoziana para estimular a produção.

Outro aspecto interessante é o do salário. Na URSS, desde 1928, quando começam os Planos Quinquenais, há um contínuo aumento de salários. Em 1962 o valor nominal do salário representa 1 368% de 1928. Dizemos valor nominal, porque assim como aumentou o custo de vida até alcançar a cifra de 3 895% em 1947, ainda relativamente a 1928 — aumento superior ao da Bolívia na América Latina —, assim desceu o valor real do salário. Em 1962 ainda se encontrava abaixo do nível de 1928 e até de 1913.

Consideremos a economia da URSS de um ângulo mais técnico: o da produtividade real de uma hora de trabalho. Em 1913 a hora de trabalho na Rússia produzia valor de 0,30; em 1956 equivalia a 0,51; para 1983 se calcula em 0,80 dólares. Com êste progresso, sem dúvida não insignificante, Khrushchev vaticina uma pronta superação sobre os Estados Unidos, mas se esquece que a hora de trabalho nos Estados Unidos rendia já

(13) PAUL BARTON — *Productivités comparées d'après Colin Clark*.

(14) A. BAYKOV — *Historia de la Economía Soviética*, México, 1948, p. 330.

J. CHOMBART — *Les Paysans Soviétiques*, Paris, 1961.

L. LAURAT — *La economía Soviética después de la muerte de Stalin*, Este & Oeste, n.º 17.

em 1913 0,80 e que para 1983 subirá a 4,00 dólares, segundo os últimos estudos (15).

Utilizando de novo este instrumento — a produtividade da hora de trabalho, o mais preciso para medir o progresso econômico de um país — compararemos as economias dos mais importantes países na década de 1950. Os Estados Unidos estão à frente com a produtividade de US\$ 2,20 em 1952. Vêm logo a seguir Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Suécia, Inglaterra, Holanda, Dinamarca, França e Suíça, com produtividade superior a US\$ 1,00. Seguem a continuação Alemanha Ocidental, Bélgica, Noruega, Finlândia, Argentina, Irlanda, Itália, Japão, Áustria e Chile, com produtividade que oscila entre US\$ 0,53 e US\$ 1,00. Só então aparece a URSS, depois de 20 países, dois deles de nossa América Latina. E imediatamente depois está Cuba, com US\$ 0,39 em 1950, quando a URSS apenas chegava a US\$ 0,40. . .

Ante estas observações, é forçoso reconhecer que o sistema coletivista é utópico na prática e que o sucedido na Rússia é uma ilusão. Não procura o bem-estar dos povos. Não o conseguiu na Rússia e não o pode conseguir na América Latina.

Façamos agora também algumas observações sobre o “solidarismo cristão”. Na linguagem marxista é corrente baralhar os termos clássicos “tese”, “antítese” e “síntese”. Faz-se uma afirmação que oculta uma falsidade por demais exagerada: é a “tese”. Contra o aspecto negativo, falso, levanta-se uma nova afirmação contrária, que desconhece o que de verdadeiro possa haver na “tese”: é a “antítese”. Analisando ambas as posições e unindo os contrários pela depuração, conclui-se um novo juízo que é a “síntese”. Submetida a esta dialética, a humanidade avança entre tombos à direita e à esquerda, superados na retificação. Até aqui Marx e Hegel. . .

Na comparação de esquemas que acabamos de fazer, é fácil divisar esta dialética, manifestada em uma afirmação, uma negação e uma concórdia. Recordemos, por exemplo, as respostas dadas à pergunta sobre o regime de bens. O “individualismo” proclamava o uso dos bens em um regime de propriedade privada, sublinhando o caráter individual, proclamando o social; o “solidarismo” realizava a “síntese”, reconhecendo ambos os destinos e harmonizando-os em uma fórmula precisa: propriedade privada com função social. Análogo resultado se obtém comparando as respostas sobre o regime de empresa e sobre a relação Homem-Sociedade.

O comunismo se engana quando afirma ser ele a “síntese” e o progresso. Não passa de uma “antítese”, no tocante ao capitalismo, exagerada e retrógrada sem dúvida. Contudo, alguns católicos nescientemente se vangloriam quando, alvoroçados pelo descobrimento, aceitam ser ele a “síntese” dos dois sistemas em luta. Julgam poder esquecer a filosofia ma-

(15) PAUL BARTON — *Productivités comparées d'après Colin Clark*.

G. WARREN NUTTER — *The Growth of Industrial Production in the Soviet Union* Princeton, 1962, p. 172.

terialista do comunismo, para aproveitar seus avanços na ordem prática, como superação das injustiças do capitalismo, suscetíveis de um aperfeiçoamento em uma base doutrinal cristã. . . Não!

O cristianismo encerra o que de bom e verdadeiro tenham êsses sistemas, não porque constitua uma "síntese" de superação, mas por ser com a razão natural a raiz e origem da verdade e da justiça. Do Direito natural e do Evangelho tomam todos os sistemas suas afirmações legítimas; assim como seus exageros e erros são desvios dessas primeiras fontes. Tal é a síntese fundamental e primeira entre o bem particular e o social, entre a liberdade individual e a coletividade, feita e promulgada pelo Criador na natureza e recordada e aperfeiçoada por Cristo em seu Evangelho.

Reafirmando princípios e retificando erros, reorganizando nossa economia e nossa ordem jurídica e social à luz do Direito natural e com a inspiração do Evangelho, resolveremos esta crise de nossa América Latina, dando solução técnica e científica, mas também eqüitativa e justa, a êste grande problema fundamental que nossa geração tem suscitado.



PRECISA-SE DE UM CAPELÃO

As religiosas beneditinas (enclausuradas) com mosteiro em Campos de Jordão, SP, esperam por um sacerdote que possa encarregar-se da assistência espiritual em benefício das mesmas. O clima é ótimo.

Quem puder atender a êste pedido queira dirigir-se ao:

Mosteiro de N. Sra. da Glória

Rua Visconde do Rio Branco. 68

UBERABA — Minas Gerais

Internato na Educação Colegial

PE. J. N. ECKINGER, S. J.

Preliminares

OS EDUCADORES de internato, diretores, prefeitos, assistentes, sócios ou como quer que sejam chamados, têm um cargo nem fácil nem agradável, mesmo que possuam habilidade, amor e entusiasmo pela educação. A tarefa de professor é bem mais fácil. A êle assistem, além da instrução de matérias atraentes, o seu prestígio de professor mais a severidade do regulamento disciplinar e o tão temido "livrinho de notas". Em comparação com êle, o prefeito aparece como um soldado sem armas. O que lhe garante o sucesso é a sua habilidade pessoal. Êle deve "acertá-lo". E se não "acerta", então é só questão de prudência, *quando* fôr substituído pelo sucessor.

E para acertar, não lhe sobra muito tempo para experimentar uma espécie de ano de noviciado, para ensaiar a sua arte. Ao contrário, êle tem que esforçar-se para se apresentar logo na primeira aparição no palco, diante dos seus pupilos, como um homem feito. E como se aprende isto?

O estudo de um volumoso tratado de pedagogia geral não basta, pois a tarefa de diretor-prefeito de internato tem uma feição tôda particular. Nem basta ter sido aluno, talvez do mesmo colégio. Como aluno, conhece o aparato externo, mas não todo o maquinismo interno que tudo movimenta. É necessário mostrar primeiro as propriedades específicas da educação de internato e, depois, aplicar e adaptar os princípios gerais da educação. Temos em vista sobretudo colégios masculinos de cursos secundários, já que os conhecemos mais de perto, já que pensamos merecerem êles a preferência.

A educação em colégio é diferente da educação familiar. Qual a melhor, é ponto discutido até hoje. Aliás, a questão não é propriamente o que é melhor em si, mas se a criança é apta para isto e, mais ainda, se precisa ou não. A educação em colégio nunca quer eliminar ou substituir a educação da família, mas sim completá-la, continuá-la, quando a família faltarem recursos para educação profissional. Portanto, não é concorrência, mas colaboração de dois amigos que se dão as mãos.

Por isso, também não se fale sem mais cerimônias do "mal necessário" que a educação colegial representaria. Porque a educação colegial traz vantagens que a educação familiar, por natureza sua e pelas circunstâncias sociais, simplesmente não pode dar. Ela é um mal necessário, só então, quando tem de ser numa época em que a criança ainda não pode dispensar a educação do lar, especialmente da mãe.

Verdade é que a educação colegial, quando feita mecânicamente, apresenta maiores sombras que uma deficiente educação familiar. O educador terá como modelo sempre a educação familiar, não para copiá-la literalmente (educação em "lares mistos" é utopia), mas para imitar-lhe o espírito.

Educação colegial: educação em massa

A palavra "massa" não soa bem. Recorda demais uma educação maquinal, desalmada, sufocando toda personalidade e individualidade. Lembra quartel e berros de sargentos, senão até o futuro estado socialista em que não há mais homens mas só números. Educação colegial, em confronto com a família, é sempre uma multidão, embora não sejam sempre centenas e quase milhares de educandos como nos EUA. Seja dito desde logo — para tirar o horror inato perante a "massificação" pedagógica — que esta massa humana, sendo disciplinada, é uma educadora de primeira qualidade, cuja eficiência, abstração feita do bom exemplo dos pais na família, não tem rival nem concorrente. O espírito dominante penetra, qual fermento, todo novato, irresistivelmente. Cuide-se que este espírito seja bom. É o primeiro, mais característico, mais básico distintivo da educação colegial. Daí seguem três corolários: 1) a necessidade de *estatutos* firmes e fixos (a convivência de muitos jovens e a co-educação de vários educadores seria impossível sem regulamento); 2) a necessidade de certa *reclusão* quase monacal e de certo rigor militar a fim de garantir a devida execução do regulamento; 3) certa *uniformidade* de fins, meios e modos de viver, com o intuito de dar ao instituto e daí, pouco a pouco, também aos seus moradores um ambiente homogêneo.

1. O regulamento

Os estatutos do colégio são condicionados pela finalidade: EDUCAR. Eis o grande plano geral. Mas, para a direção externa dos alunos, é preciso também um regulamento da casa e seu horário com determinações

concretas e claras. A observância deste regulamento se chama a *disciplina externa*. A compreensão e aceitação voluntária de seu "espírito" e de sua finalidade chama-se a disciplina interna. E esta é que deve dar vida e vitalidade à disciplina externa. Decorrem daí duas importantes consequências:

a) Os estatutos gerais e o regulamento doméstico devem ser elaborados com cuidado e de acordo com a finalidade do colégio.

b) Os prefeitos, como órgãos de fiscalização, devem conhecer bem todas as prescrições e aplicá-las na educação dos alunos. E nisto *consiste propriamente a sua tarefa*. É uma afirmação para cuja prova aduzimos as seguintes razões.

— Quem se incumbir da educação de uma criança educa-a de modo e com meios de sua escolha. Mas, na educação colegial, decidem regulamento e tradição do colégio. E isto é necessário, já pela vida, já pela educação, ambas em comum.

— Mais. A simples disciplina externa, o "mecanismo pedagógico" bem regulado e em bom funcionamento, presta à educação enormes vantagens, como são: dominar o capricho e a arrogância juvenis, refrear a superficialidade e leviandade, acostumar a controlar-se, preparar o caminho para a obediência, amainar as explosões da grosseirice, introduzir na prática o autodomínio tão necessário ao rapaz, amadurecer no convívio com mestres e alunos as primeiras virtudes sociais. Em suma, esta disciplina externa realiza, automaticamente, aquele primeiro trabalho, o grosso, que não requer mais que firme vontade de um lado e docilidade do outro. Um trabalho que na educação tem de ser feito desde o berço e de que ninguém pode se dispensar.

Cabe ao prefeito a tarefa de pôr esta máquina a funcionar desde o início e de mantê-la em movimento com incansável tenacidade. Quem como novato e diante de novatos, sob vários pretextos, com isto tardar, quem sempre é inclinado a escusar e fechar um olho, quem quer alcançar tudo com amor, com conselhos em particular, ou com alguns recursos religiosos, é, como prefeito, já antes de ter começado, um homem perdido.

Princípios para o prefeito e sua ação na manutenção da disciplina externa: Vigilância — Severidade — Perseverança tenaz. Sem estas três qualidades, a vida no colégio é antes um perigo para a mocidade do que uma proteção. Porque os maus, que também no colégio não faltam, podem agir livremente e sem empecilhos.

Além disso, são também os meios mais aptos e sempre à mão e disposição do educador para começar o trabalho educativo propriamente dito. Para educar é necessário conhecer o educando. A atitude do rapaz perante o regulamento da casa lhe dá a chave para conhecer o caráter e seus defeitos. Mesmo sem conhecer a vida anterior, sem ter recebido

explicações de pais ou dos antecessores, estará rapidamente orientado, se souber observar. O sanguíneo (para usar a terminologia clássica) transgride a lei por leviandade, o fleumático por comodismo, o colérico por caturrice, o melancólico por descuido. O sanguíneo estuda porque agora lhe dá gosto; o fleumático só porque não tem outro "jeito"; o colérico por ambição; e o melancólico estuda, apesar de saber que também desta vez nada adianta. Assim são mais ou menos todos os casos.

NOTA: temperamentos puros são raríssimos, e, se os há, já não nos são entregues assim, porque desde a infância, até entrar no colégio, já passaram por muitas mãos.

De casos particulares de sua observação, o prefeito tira com facilidade a mentalidade do indivíduo. Fingimento não se esconderá por longo tempo, porque as provas a vencer são demais, como seja o regulamento diário da casa apertando a tôda hora. . . Descoberta a íntima mentalidade do rapaz, chegou a hora de pegar o mal pela raiz — não só pela disciplina externa —, chegou a hora do trabalho individual no sujeito; caso por caso, de cara para cara, olho em olho, com tôda cautela ou com tôda sem-cerimônia, que o temperamento ou caráter e as circunstâncias exigem.

A disciplina externa conduz assim ao tratamento individual do educando. É também um contínuo estímulo para o educador não se contentar só com ela, porque êle mesmo verifica a cada passo que a legalidade externa não impede as transgressões nem produz virtude sólida, se êle não conseguir plantar na alma do educando o espírito da lei. E abre-se aí para o educador o mais belo e mais fecundo campo de ação: tornar caras, amáveis e veneráveis, aos alunos, as prescrições do regulamento por seu valor intrínseco. O educando não deve obedecer por obedecer, mas com o correr dos anos deve compreender sempre mais por que é que presta obediência e o que está em jôgo na questão. Como São Paulo diria: *scio cui credidi*... Vale aqui dizer: "sei a quem e porque obedeci". A tarefa do educador é grande; e o melhor dos seus esforços aqui, melhor que em qualquer outro lugar, se aplica.

O perigo infelizmente está em que no internato, pela multidão dos educandos, tôda ordem se transforme em comando militar, tôda obediência em mecanismo sem alma, em submissão servil, em imitação abúlica, em ambição farisaica. Contra isto só nos preserva o "espírito" da lei.

Lógico que com isto não recomendamos uma ininterrupta moralização do educando com bons conselhos. *Est modus in rebus!* Deve-se esperar em tudo o bom momento. Na observância do regulamento por convicção interna, por tomada de consciência, está também o segredo da tão desejada independência pedagógica do jovem.

Ninguém se escandaliza que a ação do prefeito, do educador, não vá mais longe. Pois, de fato, ela abrange todo o âmbito de educação, atinge o comportamento externo do aluno e sua mentalidade íntima em tôda sua extensão, especialmente se o educador indaga quais as razões por que o

aluno desobedece e depois o faz ver e convence que essas razões não são boas nem o podem ser se o levam a transgredir a ordem.

2. *Reclusão e severidade*

É a segunda característica da educação. Não há perigo nesta *reclusão*, porque o mundo num colégio é mais que suficientemente grande para ninguém sentir a falta do mundo externo. E oferece também bastantes alegrias que lá fora não se conhecem. Alegrias de amizade que muitas vezes se unem por toda a vida. As pequenas alegrias das horas do recreio cotidiano, das festas colegiais em certas solenidades, as alegrias também da convivência com mestres e professores queridos, a própria alegria ainda da ordem e do regulamento. Só o começo é difícil; depois a gente sente-se à vontade, a ponto de mais tarde achar falta dessa ordem.

É necessário este isolamento. Toda família boa afasta suas crianças da rua. Quer-se passeio livre na cidade? — Depende muito das circunstâncias do ambiente que varia de país para país. Condição será sempre que a disciplina externa não sofra e que a educação tire vantagem. Se bem dirigido o negócio (não soltando simplesmente as rédeas), então lucros e perdas se equivalem. Quem mandar seus educandos mais cedo para o mundo, mais cedo tem de começar. . . Quem os mandar mais tarde, quando estiver completa a educação colegial, só mais tarde terá cuidado e a dor de cabeça de imunizá-los contra o mundo. Quanto mais tarde, mais madura e a seu favor terá ele a idade, pois esta já então terá adquirido mais poder de convicção. Talvez que este adiamento venha causar a perda de mais gente sua que a pressa em lançar o educando no mundo. Mas — assim se pode responder — os que permanecerem, formados em sua escola, serão duros como aço e deixarão rasto luminoso atrás de si pelo mundo afora.

Evidente que em ambos os métodos os educadores se empenharão sem tréguas em formar em seus educandos não só o hábito externo mas a convicção íntima, tornando-os destarte resistentes a qualquer sobrecarga. Não nos podemos contentar com a fuga do mundo, mas tampouco devemos favorecer o mundanismo que, sob aparências externas corretas, é vazio de valores morais. Acostumado desde a adolescência aos princípios do mundo, o educando estará sempre mais disposto a pactuar pacificamente com quem não é possível ter paz. Que a carreira sacerdotal será a mais prejudicada por tal educação é patente, visto ser sua tarefa a pregação de Cristo crucificado, sem tirar uma letra sequer da lei. Adaptou-se talvez o candidato ao mundo em assuntos com os quais não é possível compromisso.

No que toca à *severidade*, verdade é que tal exigência não é de despertar simpatia. . . Não é o amor o raio de sol que faz florir o jardim? E, apesar disso, repetimos: num internato é necessário antes de mais nada a severidade. E a razão é novamente. . . a massa. Não se esqueça que a primeira coisa a ser feita numa comunidade humana é estabelecer a ordem e mantê-la, pois esta é a base de tudo o mais. Educação em comum!

Como no Estado são necessárias leis e polícias para aquêles indivíduos que não querem guardar ordem, assim de recursos semelhantes haverá sempre necessidade também num colégio, e provavelmente sempre em grande número, o que é muito natural quando se tem em conta a imaturidade da juventude.

A primeira pergunta é sempre: o colégio é bom? a gente se pode permitir lá alguma coisa? E mesmo se a resposta fôr negativa, ainda um grupinho experimentará abrir brecha ou tentar a sorte. Enquanto não reinar a submissão dócil de todos em geral sob o regulamento, inútil é pensar em educação. Daí pode acontecer todos os dias alguma coisa que não sòmente prejudica gravemente a ordem, mas também destrói de um golpe só o prestígio do educador por completo. Por isso, êle se deve dar "garbos de chefe e de comandante, contra o qual ninguém nem nada vencerá".

Se assim o bando de moleques se tornou dócil, então pode-se começar a educação em massa. Não se trata de educar êste e mais aquêle e mais outro, mas de educar todos juntos. O aperfeiçoamento dos indivíduos não deve ser preterido, mas no colégio vem só em terceiro lugar. Manter a ordem (disciplina externa) é número 1. Introduzir no espírito da ordem é número 2. Só então, em terceiro lugar, se cuida dos indivíduos, enquanto de cuidado especial necessitam ou merecem. Eis a tarefa progressiva do educador.

Como usar e aplicar severidade? Não consiste em experiências exageradas nem em brutalidade, mas tão-sòmente na execução calma, enérgica e tenaz do regulamento da casa. Manter ordem e horário. Daí segue como consequência imediata: no caso de transgressões, não se espera com paciência, mas entra-se imediatamente em ação e corta-se o mal com todos os meios que possam fazer efeito. Esta perseverança tenaz é o mais difícil. Mas sòmente nesta consequência firme e inabalável está o sucesso; a ela se curvam finalmente todos.

Às vêzes — mas raras vêzes, para não quebrar o caniço dobrado — deve-se contentar com um meio-sucesso. Mas o malfeitor jamais deve poder triunfar contente. Sempre, no íntimo, que êle ouça e sinta tanto da parte de si mesmo como da parte dos colegas que agiu mal.

NOTA: trata-se aqui sempre de distúrbios de ordem geral. Aí a severidade é conveniente, é necessária. Quanto a faltas pessoais, que não estorvam a ordem pública, pode-se proceder com bondade.

Unindo o prefeito bondade e severidade, então êle é temido e querido ao mesmo tempo, isto é, tem caminho aberto à vontade da criança. Eis o que é tudo em educação.

3. Uniformidade

É a terceira característica da educação colegial: uniformidade nos fins, nos meios e nos modos de vida. Isto por ser educação coletiva, a

ponto de imprimir pouco a pouco aos seus educandos um cunho específico. O fato é certo e tanto menos discutível quanto é citado por muitos para acusar a educação de internatos. Mas a acusação recai sobre aqueles pais que se contentam com qualquer colégio, contanto que consigam colocar os filhos.

Institutos que dão às crianças só alimento e casa não são institutos de educação. Filhos "grã-finos" não *cabem* num seminário, e ninguém venha se queixar se aí são tratados como qualquer um. Todo colégio, estabelecido de acordo com a finalidade coletiva, deve ter seu programa para poder trabalhar com proveito.

Por conseguinte: 1) o nível social e o intelectual que sejam idênticos. Ginásio, escolas comerciais e escolas profissionais não combinam. 2) seleção rigorosa. Não só por motivo religioso-moral, mas no interesse da casa; alunos inadaptados e inadaptáveis ao ambiente sejam eliminados sem dó. Assim seminários não são nem sanatórios nem casas de correção. Internatos católicos não são pastoreio paroquial. Alunos nocivos devem ser eliminados pela via mais curta, mesmo na certeza de lá fora virem eles a se perder de vez. Aliás fora, muitas vezes, são menos perigosos do que dentro do colégio. Nada prejudica mais a um colégio do que segurar, a todo custo, elementos escandalosos, por compaixão para com a alma dêles ou por seus pais. *Bonum commune praevalet*. O interesse dos demais deve ser preferido ao bem particular. 3) o aluno no internato deve desenvolver mais iniciativa e atividade próprias do que na casa paterna. O cuidado pela massa não permite tão intensiva dedicação ao indivíduo. Como, aliás, também nas escolas públicas: quanto maior o número de alunos na classe, tanto menos tempo poderá ser dado a cada um, e o educando tem de esforçar-se pessoalmente. Certos pais pensam que a colocação num internato resolve automaticamente o problema da preguiça. . . Nada mais errado!

No mais, está aí a refutação da corriqueira acusação contra a "educação de camisa de força". A disciplina do instituto, justamente por causa da multidão dos educandos, permite aos indivíduos ainda bastante espaço para se ocuparem e atuarem "muito individualmente". Inquiram-se daqueles que foram educados em tais internatos, mesmo os mais rigorosos.

Educadores estranhos

Os educadores no colégio são estranhos que exercem a tarefa da educação por profissão. Isto significa para a criança muita amargura e muitas vantagens.

1. Vantagens

No julgamento da criança, facilmente falta aos pais a isenção de preconceitos. Na quebra da má-vontade, não lhes chega talvez energia e força. No curar as feridas da alma, nem sempre assiste a necessária de-

cisão. Pois é sempre a própria carne e sangue que faz cair o braço levantado, para tentar mais uma vez a correção por amor em vez do castigo. É a criança. . . como sabe explorar sem dó nem piedade a fraqueza dos pais para seu próprio "aparente" proveito! Mas eis que agora está entregue a estranhos!

A pessoa estranha, em seu critério e julgamento, não se dirige nem por afeição indevida nem por antipatia. Ela vê na criança que lhe foi confiada as boas mas também as más qualidades. E talvez as más sejam tanto maiores quanto os pais acentuaram as boas.

A pessoa estranha se põe a dobrar a vontade da criança debaixo da sua, indiferente à sua birra teimosa. Se a bondade não vale, valerá o rigor e, se preciso fôr, também a força.

Não se pode dizer que o educador venha a receber gratidão por sua atitude imparcial. Pois certos pais, não todos, querem que os filhos sejam educados a seu modo de ver, quando não dispensam toda a educação. Mas gratos ou não, o que importa é que o remédio cure a criança. E isso acontece, graças a Deus, não tão raramente. Tantas vezes, até pouco tempo basta para produzir uma transformação total.

2. *Ambiente de rigor?*

Não se pode negar que é sempre duro para pais e filhos serem estes entregues a pessoas estranhas. A razão é bem fácil que pareça fria e sem coração. A severidade parece injusta e dura. O regulamento da casa, inexorável. Os colegas, grosseiros. O ambiente, de todo desacostumado. A obrigação ao trabalho e estudo. A separação de casa. Tudo isto dói ao jovem coração e muito amargamente.

Mas, então, o educador não tem coração? Oh, sim! Quantas vezes tem de parecer desapiedado e sem coração, quando de bom grado mostraria compaixão e carinho. Quantas vezes tem de endurecer-se, como que por artifício, para a severidade e intransigência. Porque a indulgência retardaria ou até impediria de todo o processo do saneamento moral da criança. O célebre ditado alemão *Landgraf werde hart* (= Que o conde agüente firme) é uma jaculatória que ele deve repetir muitas e muitas vezes para si mesmo.

Todavia, o coração ainda encontra seus direitos. Um olhar bondoso, ao passar, dá coragem ao menino. Uma pergunta amável por seu bem-estar anima. Um pequeno gracejo atrai um raio de alegria de seus olhos. Inicialmente retraído e desconfiado, pouco a pouco se torna mais alegre, mais aberto. O colégio começa a tornar-se seu novo lar.

E o que ainda sobrar de dureza é uma salutar preparação para a vida. A vida é dura. Educação é preparação para a vida. A vida é dura.

Educação profissional

Educação coletiva de uma multidão exige igualdade de fins, de meios e de modo de vida. Daí ser ela possível só quando e onde a preparação

profissional tiver igual ou semelhante finalidade, como sejam seminários, escolas normais, escolas de cadetes, escolas profissionais, etc.

O nível social e o preparo profissional são particularmente importantes dos 15 aos 20 anos de idade, tanto para o adolescente como para os pais. Por isso os pais devem procurar o instituto social e profissionalmente adequado. Os institutos por sua vez não aceitem elementos impróprios, isto é, socialmente baixos ou altos demais, sob pena de conflitos inevitáveis.

Educação colegial tem de ser, portanto, profissionalmente especializada.

Educação unissexual

Mais um contraste com a educação familiar. A família pratica a co-educação. O colégio não o pode fazer. Há internatos com o corpo docente e dirigente misto. Mas internatos em que ambos os sexos são educados em comum não existem para a adolescência pela razão, além de outros motivos graves, de a fase de evolução e de instrução dos sexos ser diferente.

Em nosso sistema tanto o corpo educacional como os educandos são do mesmo sexo. Resta pois somente a tarefa de salientar as vantagens e desvantagens deste método educacional, a fim de aproveitar ao máximo as vantagens e de eliminar na medida do possível as desvantagens.

1. Desvantagens

— A educação se torna um tanto unilateral. Pai e mãe, irmãos e irmãs exercem mútua influência compensadora. O tipo masculino, rude, é suavizado pela delicadeza e bondade femininas. E o feminino, demasiadamente mole, recebe maior firmeza por uma influência masculina.

— Tenha-se em conta o acanhamento na presença do outro sexo, ou em geral no trato social. Todavia, os que no mundo são isentos de acanhamento nem por isso são heróis de virtudes. O acanhamento pode muito bem ser expressão de pureza delicada.

Redargüimos:

a) Tal acanhamento é fase passageira. Este pudor e talvez ligeiro rubor não é felizmente nenhum pecado; é pelo contrário proteção.

b) Sobre a falta também de certo traquejo social ou de "jeito", quando terminada a educação colegial e ao iniciar-se a luta pela vida, isso é compreensível, pois em casa e no colégio estavam acostumados a receber tudo prontinho em cima da mesa, sem outras preocupações. E será uma nova fase de transição. Um ligeiro incômodo como este é compensado de longe pela maior solidez do caráter e do seu preparo intelectual.

c) O colégio procure evitar este perigo por palavras e pelo exemplo, instruindo e acostumando às cerimônias da vida social. Disse Goethe: "Se queres saber o que são boas maneiras, aprende-o com nobres senhoras". Está certo. Mas o respeito do próximo como irmão, a caridade cristã, dão igual ou melhor sentimento de tato social, delicadeza e bom gosto. Um jovem que aprendeu a respeitar e a considerar o seu próximo no colégio está no melhor caminho de aprender e de praticar a verdadeira civilidade — aquela que sempre agrada, porque vem da alma, porque quer bem. Os alunos de internatos possuem talvez menos traquejo social, mas apresentam aquela modéstia, aquêlre retraimento, que lhes ganha mais simpatia da parte dos adultos do que a barulhenta petulância dos estudantes seculares externos.

d) Se trato com o mundo externo fôr necessário na educação, então para isso aí estão as férias. Aí a criança vive de novo no seio da sociedade natural e pode mostrar o que aprendeu. O temor ansioso dos diretores de colégios perante as férias não se justifica.

— A maior objeção contra a educação colegial, porém, é que ela produz falta de independência moral. . .

Respondemos:

Coisas novas, fora do costume, impressionam fortemente, muito mais que as coisas de uso e trato diário. Isto se aplica, sem dúvida, também a este problema, ou melhor, é a razão principal da fácil sedução do aluno colegial, quando fora do colégio. Contra isto não adianta clausura nenhuma. Tem de vir uma vez o tempo de entrar no mundo e na luta. Aí só adianta fortalecimento interno, aviso prudente, treinamento de vontade, mortificação desde pequeno.

a) *Fortalecimento interno contra a sensualidade.* — Ouso afirmar que as quedas rápidas após o egresso são em geral precedidas por uma longa miséria no colégio. O trato com o mundo só ofereceu a ocasião externa para executar o que já estava se preparando desde há muito. Um aluno do colégio não se torna ruim de um só golpe; lá fora, êle só recebe é a ocasião que antes não tinha.

Certamente a simples reclusão num instituto contra o mundo e suas tentações não protege; antes, por não oferecer muito a distração para a fantasia, o estímulo aumenta e se torna mais perigoso. O aluno de colégio se torna consuetudinário mais facilmente que um rapaz de fora. Mais: o regulamento rígido do internato freqüentemente é aceito só contrariado, e, por isso, quando livre, julga-se livre de qualquer obrigação. Com razão o diretor do colégio não deverá nunca deixar de fazer seu exame de consciência a ver se tudo, mesmo tudo, converge para garantir em seu colégio esta firmeza da virtude por convicção interna. Para isto lhe serve: 1) vida realmente religiosa; 2) hábito de trabalho sério e esforçado.

A tibieza religiosa abre a porta do coração ao mal. *Otium est mater vitiorum* (= a ociosidade é a mãe de todo vício). Seja lembrada a sentença do sábio: não tenho tempo para casar. Assim o aluno aplicado não tem tempo de se perder no colégio com fantasias perniciosas. A sua tarefa escolar lhe ocupa todo o tempo. Quando mais tarde no mundo ambicionar o progresso, menos tempo e vontade terá de se perder em divertimentos nocivos.

b) *Viseira aberta: prevenção do perigo.* — Não é que se suspeite em todo canto perigos morais. Ordens proibitivas se colocam em lugares de real perigo. Zêlo imprudente e exagerado excita os tímidos e anima os audaciosos. Nada de mistificações. Sem em nada proteger, só intimida. Deve-se esperar a ocasião. Mas então não se deve ter medo de ficar no pôsto e de falar bem claro.

A ocasião é sempre: quando os alunos vão para férias ou quando se despedem do colégio. Então deve-se falar em público e, tanto quanto possível, também em particular com cada um, mostrando o que devem evitar, animando a troca de correspondência com o diretor (de modo especial no começo, quando surgem as primeiras dificuldades), mantendo em geral contato com o colégio por meio de festividades para os ex-alunos, por meio de revistas em que os atuais colegiais contam suas novidades e os antigos dão a sua experiência da vida aos novatos. Isto cria uma zona neutral, zona de transição. Assim evita-se e combate-se o ataque de surpresa.

As férias são a prova de fogo da educação. O diretor se informe a respeito: mas em segredo, com a máxima prudência, por meio de pessoas competentes e silenciosas. Isto para controlar o inquérito direto e franco que já praticou no primeiro colóquio após as férias. Pedir documentação de bom comportamento cria pressão moral. E a gente pretendia bem era sondar e pôr à prova a convicção íntima do seu educando.

c) *Treinamento: robustecer e firmar a vontade.* — Não uma separação cada vez mais rigorosa do mundo, mas ao contrário, acostumar progressivamente e com cautela pessoas e coisas que oferecem perigo. Isto se consegue no internato com mais dificuldade que na família. Os limites do lícito e ilícito variam também de acordo com a finalidade do instituto. Seminários, por exemplo, têm de ser mais rigorosos. Colégios seculares podem se permitir certa liberdade, justamente porque não traz perigo e porque a futura profissão não reclama o celibato.

Eis alguns pontos: 1) vigiar a leitura, também dos maiores. Deve-se observar bem os indivíduos para saber quanto já podem agüentar. 2) leitura da aula, história natural, arte clássica são apresentadas com a máxima naturalidade, costumando a *nihil mirari* (= a não se assustar com nada). Todavia não queremos por nada abolir o pudor, nem mesmo diminuí-lo. 3) interceptar o "entusiasmo", amizades particulares entre maiores e menores principalmente, porque é substituto inconsciente do outro sexo.

Um prejuízo real da educação é certo intelectualismo, certa monotonia, que não desenvolve bem a vida afetiva. Isto, porém, a nosso ver, não constitui grande falta. O defeito se corrige pelo fomento da vida religiosa interior, pelo amor a Nossa Senhora, pela literatura conveniente, que fomenta o afeto e a fantasia, por festividades escolares e, antes de mais nada, pela "sensibilidade" do educador de sentir-se sempre criança entre crianças.

A propósito, é útil variar entre os prefeitos de vigilância. A um prefeito mais idoso que mantém com energia a disciplina assistam prefeitos mais jovens de outras divisões, como por exemplo dos menores. Assim se conjugam de melhor modo rigor paterno com certo amor e cuidado maternal, qualidade esta que se encontra mais nos moços do que entre os prefeitos já embotados pela idade e pelo trabalho.

2. *Vantagens*

Aos prejuízos, que não são de todo inevitáveis, se opõem vantagens:

- 1) a necessidade da formação profissional. Na puberdade, uma educação no internato sem separação dos sexos é simplesmente impossível.
- 2) utilidades que fazem esquecer as desvantagens: direção central e uniforme — maior segurança no julgamento da natureza infantil e de sua psicologia própria — certa dureza, certa energia, bem convenientes a esta idade extravagante, que está no melhor da fermentação tumultuosa.

Divisão de trabalho

A educação coletiva exige uma pluralidade de educadores. Estes devem naturalmente proceder em uníssono, colaborar organicamente, segundo um espírito que movimenta tudo.

Esta exigência parecerá à primeira vista muito natural. Mas é às vezes uma coisa difícil. Uma simples ordem não basta. O trabalho da educação exige unanimidade no fim, uma humilde submissão à tarefa, uma mútua subordinação, uma colaboração de boa vontade e, antes de mais nada, amor e dedicação, espírito de sacrifício, de paciência em circunstâncias difíceis.

Este sentimento não resulta de uma simples submissão externa de baixo de um homem, a cujo custo e salário o educador vive, até encontrar pôsto melhor, mas exige uma convicção interna, trabalho por tomada de consciência, por um ideal.

Congregações religiosas estão mais bem preparadas para isto. Entre o clero secular a união é muito mais frouxa, embora nos seminários diocesanos o interesse mútuo pela causa comum costume ser vivo. Entre leigos depende tudo do prestígio da direção. Do contrário, depende da eficiência dêste ou daquele auxiliar, prefeito ou professor. Isto é, o colégio como tal não educa, mas só a habilidade dêste ou daquele membro.

1. *Os auxiliares*

Entre os auxiliares contam-se: 1) um corpo treinado de vigilantes para manter ordem e disciplina; 2) corpo docente adequado; 3) pessoal competente para alimentação etc.; 4) confessores eficientes e ativos, estimulando vivamente a vida religiosa; 5) um superior da casa a quem está entregue a direção geral.

Corpo docente e corpo vigilante têm, cada qual em seu ramo, um superior próprio; o prefeito geral, que dirige os trabalhos da casa; o diretor dos estudos, que dirige a instrução. De tal forma que nenhum dos dois seja sujeito ao outro. Dificuldades de competência são decididas pelo superior da casa. Tais conflitos surgem, porque cada qual vive exclusivamente para o seu ramo. O superior da casa procure o compromisso harmonioso que favoreça a educação.

2. *O confessor*

A vida interior do aluno-educando necessita do melhor cuidado. A quem o confiar? Evidentemente àquele que em nome de Cristo tem o direito e o dever de exigir informações sobre o íntimo da alma — o confessor.

Para este fim não basta uma confissão de uma ou duas vezes por ano. O aluno deve ter ocasião quantas vezes quiser. Que isto não se faça ou não se possa fazer é um defeito e não substituível por outros recursos. Porque as chagas mais difíceis da alma só se curam e se fecham sob a mão do confessor.

Questões e problemas são: 1) os pecados; 2) as dificuldades da puberdade, que perturbam o ignorante; 3) o problema da vocação; 4) tentações várias que não aparecem à superfície mas atuam com toda intensidade ainda no íntimo da alma, perturbando a paz.

Quem poderá ajudar, esclarecer? O professor? — Talvez justamente a sua severidade é que o tenha ferido. . . O prefeito? — Se a gente vive em pé de guerra com ele. . . O superior da casa? — Fica em geral muito distante. . . Então, só o confessor. Ele, sim, tem palavras de consolo, de animação. É indizível quanto bem se faz em silêncio num colégio pela atividade escondida do confessor, quantos males ele evita. . .

Institutos clericais levam vantagem. Mesmo sobre a educação familiar. Não nos enganemos. Para certas situações críticas da puberdade, os pais não são mais os conselheiros indicados. A sinceridade perante eles é dificultada pelo amor e respeito filial, pelo desejo de se apresentar perante eles sempre do lado melhor; o próprio amor por eles procura evitar e esconder o que lhes possa ser penoso. E mesmo que seja. . . mas se aos pais falta o saber e a prudência para aconselhar? E o poder de eliminar o perigo? Aí é mister um médico da alma. A ele, a gente não ofende ou entristece pela sinceridade e franqueza; ao contrário;

causa-lhe alegria. Em seu silêncio absoluto, a gente sente-se seguro, e quantas coisas, que aí se tratam, precisam do segredo e do mistério!

E finalmente a paz da alma só se restitui quando o pecado desaparecer e com ele o remorso ardente da culpa. Fora do colégio, o confessor está também à disposição da mocidade. Mas quão poucos vencem a dificuldade de dê-lo se aproximar! — o que no colégio se torna muito mais fácil.

Finalizando

1. *Firme regulamento da casa e do dia*

- Disciplina externa e espírito interno.
- Respeito à educação individual.

No manejo da ordem e disciplina, em sua orientação e aproveitamento para a educação interna do aluno, quer para todos, quer para o indivíduo, sempre se revela a arte do prefeito como educador.

● *Defeitos a evitar:* 1) só “domesticação” externa para efeito de parada; 2) “massificação” dos educandos que se acostumaram a ser servidos em tudo e comandados em tudo e em tudo seguem pela lei do menor esforço; 3) rigor desapiedado, por ser estranho ao educando; 4) descuido do indivíduo, deficiente interesse ao seu desenvolvimento pessoal — defeito aliás inevitável quando o número dos alunos passar de certos limites ou houver poucos prefeitos.

2. *Educação à altura do nível social e profissional*

- Não empurrar alunos sem vontade e sem aptidão para certa profissão.
- Não aceitar alunos que não condizem com a finalidade do instituto. Um bom escolar pode ser mau educando e vice-versa.

3. *Educação unissexual*

- Não cultivar só o intelecto, mas também o afeto. Nem vice-versa em tipos molengos.
- Grande cautela nas relações com o mundo externo.
- Criar passagem de transição lenta ao sair do colégio para fora. Perigo há somente nos extremos.

4. *Escola — Instrução*

- Que a instrução sirva à educação.
- Que educadores e professores colaborem.
- Que a instrução procure não unicamente o sucesso intelectual, mas propriamente o esforço e aplicação do aluno.

(*Continua na pág. 243*)

Latim e Atualidade

PE. JOÃO CARLOS CABRAL MENDONÇA, S. J.

N. da R. — Lembramos aqui a publicação da Constituição "Veterum Sapientia" de S.S. João XXIII em nossa Revista de maio de 1962, n.º 83, onde se recomenda o estudo e o uso da língua latina sobretudo nos estabelecimentos eclesiásticos.

Introdução

VOTADA ao ódio e ao desprezo da maior parte dos alunos, a língua do Lácio parece ter perdido o pouco do prestígio que lhe restava nos programas educacionais brasileiros. Sob muitos aspectos, a Lei de Diretrizes e Bases veio dar mais um golpe na formação humanística da juventude escolar no Brasil.

Poucos colégios conservaram o ensino do Latim no Ginásio. Dentre os religiosos, muitos cederam a pressões de alunos e pais, desejosos de alijar um fardo inútil. Redobram, porém, os ataques abertos ou velados ao Latim entre nós; os professores parecem não saber mais o que responder. A juventude não aceita a motivação costumeira. Para quê manter o estudo de uma língua morta, quando o Brasil precisa de técnicos, de cientistas, de engenheiros, quando a máquina estende cada vez mais o seu império? Quando problemas econômicos tão graves nos assoberbam?

Não é verdade tenha o Latim passado de moda...

Já disse alguém, e com acerto, que os brasileiros parecem "macaquitos", por causa da mania que têm de imitar costumes, modas e filosofias estrangeiras, apesar dos reiterados protestos de nacionalismo. Menos mal se fôssemos mais espertos e atualizados em nossa macaquice. Admiram-se aqui, como últimas novidades, modelos superados há muito no meio onde surgiram; assim um Marx em filosofia ou um Dewey em

pedagogia. A razão dêste estranho fenômeno deu-a graciosamente Carlos de Laet: é que os livros estrangeiros ficam muito tempo retidos na alfândega. . . Assim, dos Estados Unidos, além da concepção e modo de vida à "Hollywood", imagem falsa da grande nação do Norte, importamos o tecnicismo e a idolatria da máquina. Para grande parte dos brasileiros os Estados Unidos são o país da técnica, do dólar e de Hollywood. E nada mais. . .

Muitos dos leitores do *New York Times* no Brasil talvez propalem ser o Inglês a única língua em cujo estudo não se perde tempo, hoje em dia. Não sabem o Latim, naturalmente, nem concebem como, no século XX, possa alguém embolorar-se estudando uma língua morta, já rejeitada até por muitos padres "avançados". . .

Pois bem. Por isso é pena que não tenham compreendido um editorial publicado na primeira página daquele diário, em seu número de 1 de junho de 1962. Tratava-se de uma apologia do Latim escrita nesta mal-fadada língua. Eis o título: "Quatenus mortua lingua latina" (Até que ponto está morta a língua latina). Dentre os predicados da língua de Cícero o artigo ressalta a sua utilidade para o aprendizado do Inglês. Talvez retruquem os latinóforos que para saber o Inglês isto pode ser verdade, mas para o Português é que o Latim não tem serventia. Gloriam-se de ser mais práticos que os americanos, ao menos nesta questão...

O Dr. Alexander Lenard, húngaro radicado no Brasil, a cujas variadas aptidões e saber polimorfo se acrescenta o anacronismo imperdoável de ser latinista, teve a estranha idéia — maluca, dirão — de publicar uma versão latina de uma conhecida história infantil, o "Winnie the Pooh", de A. A. Milne. O livrinho foi editado primeiramente no Brasil, por conta do tradutor, uma vez que os editores foram bastante prudentes para não correrem o risco certo de um fracasso total. . . Pois na Inglaterra e na Suécia o "Winnie the Pooh" conheceu grande sucesso. E nos Estados Unidos foi um dos "best-sellers", com mais de cem mil exemplares vendidos!

E que dizer de uma passeata de protesto realizada em Harvard? Foi tal o tumulto provocado pelos 4 mil universitários participantes, que a polícia teve de recorrer a bombas de gás lacrimogêneo. Mas não é o fato, e sim o seu motivo que causará estranheza. Exigiam os estudantes que os diplomas fôssem redigidos em Latim e não em Inglês, conforme decidira o reitor. No Brasil ter-se-ia levantado a mesma celeuma precisamente para abolir o Latim, sob pretexto de democratizar a Universidade. . .

Até o malogrado Presidente Kennedy foi contaminado pelo arcaico vírus da Latinidade. A um grupo de alunas que lhe tinham enviado a versão latina do discurso de posse presidencial, feita por elas, escreveu uma carta em Latim. Outra vez falou neste idioma ao visitar uma escola. Assim Carlos Drumond de Andrade comenta o fato: "O Presidente Kennedy foi visitar uma escola em seu país e fez uma alocação em latim. Entre nós, a lei de Diretrizes e Bases contém preceitos enérgicos

para impedir que, daqui a 20 ou 30 anos, um presidente brasileiro pratique êsse exibicionismo" (cf. "Jornal de Bôlso" em *Correio da Manhã*, Rio, 15 de abril de 1962).

Por que o Latim ainda faz época

E não é só tal exibicionismo que se vai frustrar, mas também a cultura e formação da juventude perderá um valiosíssimo elemento. Costuma-se repetir à saciedade que o estudo da língua latina nada aproveita a um futuro engenheiro. Ora, sem falar no valor formativo do Latim, comprovado pela experiência passada e atual — não me refiro aos casos de fracasso que se devem não à matéria em si, mas à incompetência dos professores — aceitemos a argumentação nesta base. Tiremos a Álgebra e a Trigonometria para os que seguirão Direito. Não estão perdendo tempo a quebrar as cabeças em coisas inúteis à sua futura carreira? Para mim, como para muita gente, ainda não descobri utilidade prática em tantos anos de Desenho. Fora, então, com o Desenho!... Se apertarmos mais com esta lógica de um ridículo primarismo pedagógico, acabaremos reduzindo o ciclo secundário a um curso de especialização. Mentalidade tão tacaña já foi há muito superada nas nações mais cultas e científicas do mundo, primeiro na Europa, e mais recentemente nos Estados Unidos. A finalidade do curso secundário não é de formar especialistas, mas de dar ao aluno uma base de conhecimentos gerais, sem imediatismos, e de ensinar-lhe a usar e desenvolver as faculdades, equilibrada e harmonicamente. O unilateralismo, seja qual fôr a sua natureza, além de produzir espíritos estreitos e geométricos, prejudica a própria especialização. Antes desta, deve-se formar o homem todo, e neste campo o Latim tem a primazia, mesmo sobre a Matemática e as Ciências exatas. Enquanto estas exercitam a inteligência, sem atingir diretamente a imaginação e o sentimento, uma página de um autor latino dirige-se ao homem todo, através de seu conteúdo humano, de seu valor artístico, de sua vibração emocional. Embora não aguace tanto a mente como um cálculo complexo, proporciona uma experiência mais completa, mais humana, enfim.

Na Alemanha, o curso clássico, com 9 anos de Latim e seis de Grego, é preferido pelos cientistas e pelas classes dirigentes. Heisenberg, Plank e Einstein, entre muitos outros, cursaram o ginásio humanístico e não se lamentaram disto depois. Por ocasião de um inquérito entre professores de faculdades científicas na Alemanha, 75% deles declararam preferir os alunos vindos do ginásio clássico, por mais aptos para se aprofundarem nas ciências exatas. O mesmo acontece geralmente nas nações européias, ensinadas por longa experiência.

E nos Estados Unidos? — perguntarão. Lá, a mentalidade empirista que reinava até pouco tempo atrás vai sendo derrotada. O Latim consta em todos os programas, conforme patenteou uma consulta feita por professores paulistas.

Nos Estados Unidos, se não bastam os fatos acima citados para atestar o prestígio do Latim, deve-se dizer que esta língua consta de todos os programas, pelo que se infere ainda da mesma consulta. A revista *The New York Times*, em edição de 23 de julho de 1961, anunciava de Washington que, nos últimos dez anos, o número de alunos de Latim cresceu a ponto de superar o dos que estudavam as línguas modernas. Nós, porém, povo desenvolvido, não permitiremos que a juventude brasileira se aliene desta maneira às realidades atuais . . .

Desconhecer a literatura latina ou desprezá-la como ultrapassada ou inteiramente inadequada ao homem de hoje obstaria a um conhecimento mais profundo e compreensivo do Ocidente atual, desenraizado de suas origens. Além disso, levaria o jovem a apreçoar como originais verdades e idéias milenares, a periódicos descobrimentos da pólvora. . . O que acredita o humanismo é precisamente o ter-se elevado acima do seu tempo, eternizando-se. Cícero será sempre atual a filosofar sobre a amizade, a defender, juntamente com o poeta Arquias, os estudos nobres e desinteressados, a atacar demagogos como Marco Antônio e conspiradores como Catilina, líder da juventude transviada de então. Horácio já crítica, na sua imortal *Epistola ad Pisones*, o espírito utilitário dos romanos, muito zelosos em ensinar aos filhos a fazer contas, não permitindo assim o florescimento de gênios artísticos que produzissem obras imortais. Roma, no final do período republicano, teve problemas bem parecidos com os nossos: a questão agrária, a fuga do campo para a cidade, a corrupção eleitoral, a imoderada sede de divertimentos. Virgílio, nas suas *Geórgicas*, não só canta as vantagens e belezas da vida campestre, mas ensina a cultivar a terra em versos inigualáveis, baseado em sua experiência de camponês. Juvenal já se queixa de que os cocheiros do circo, ídolos de uma multidão frívola — pensemos nos craques futebolísticos de hoje — ganhavam fortunas, enquanto que os pobres mestres de gramática viviam em apertos financeiros. . .

Respondendo a uma objeção

É verdade que a civilização clássica era predominantemente literário-filosófica, uma civilização do "otium litterarum", privilégio de poucos, ao passo que a nossa se caracteriza pelo trabalho livre, pela ciência e pela técnica. Nisto nada há que reprovar. Combater o progresso tecnológico e científico em si mesmo seria um atentado contra a cultura. Porém, uma coisa é técnica e ciência, e outra tecnicismo e cientificismo, o que constitui uma subfilosofia, é das mais baratas. O mal consiste em inverter valores, subordinando conhecimentos e experiências, que se endereçam diretamente ao enobrecimento e perfeição humanos, àqueles que versam sobre o mundo exterior e material. Com o eixo cultural fora de si, em coisas que lhe são inferiores, o homem moderno sofre a alienação da máquina e do conforto material, desconhecendo-se a si mesmo. Nossa época, justamente por ser como é, deveria manter os estudos hu-

manísticos, a fim de contrabalançar a massa sempre crescente dos conhecimentos científico-tecnológicos. O papel da técnica e do bem-estar material é aumentar o tempo de lazer humano, destinado às coisas do espírito, ao conhecimento contemplativo, o mais elevado de todos os conhecimentos. Nos Estados Unidos está se ultrapassando a fase em que a maior aspiração do homem da classe média, do operário, é de possuir um carro, uma televisão e um sítio, graças às facilidades e ao tempo livre proporcionados pelo progresso técnico. Daí o surto espiritualista e humanístico de que o ressurgimento do Latim faz parte. É o homem moderno que se redescobre, ao contato da antiga sabedoria transmitida através de um idioma conciso e lapidar.

Alguns, convictos do valor dos clássicos, acham que se deva lê-los em traduções; que se deixe de lado a "materialidade" da língua, cujo estudo requeria muito tempo para possibilitar uma leitura no original. Ora, tal opinião vale em relação aos que não estudaram nem poderão facilmente estudar Latim, mas é minimalista quanto àqueles cuja cultura e profissão ganhariam muito com o conhecimento da língua. Esta não é apenas vestimenta das idéias e sim uma expressão viva de um espírito, de uma índole; mais do que mero envoltório exterior, a linguagem dá corpo e colorido à mensagem do espírito, formando um todo com ela. Tratando-se do Latim, isto é ainda mais verdadeiro, devido à sua estrutura sintética, diferente das línguas modernas. Daí se tornarem Tácito e Horácio, quando traduzidos para a nossa língua, incapazes de conservar o vigor e a densidade de seus escritos. É lastimável que um advogado não possa ler os juriconsultos latinos no original, ou que um sacerdote não possa ter acesso direto ao imenso tesouro da literatura eclesiástica. Mesmo para os cientistas não se pode dizer que o Latim seja inteiramente destituído de utilidade prática. Sem falar na terminologia, que é basicamente latina em várias ciências, o cientista nada perderia em ler Newton, Kepler, Galileu e outros cientistas que escreveram suas obras em Latim, língua da ciência até o século XVIII. Este ano, uma revista científica alemã exigiu, como condição necessária de publicação e classificação, que o relato feito por um grupo de cientistas brasileiros sobre uma nova espécie de fungo fôsse redigido em Latim. Aliás, o Dr. Jean Capelle, uma das maiores autoridades em Mecânica na França, é um fervoroso propugnador da readoção do Latim como língua internacional da ciência. Neste intuito promoveu, junto com outros latinistas, um congresso internacional de Latim vivo, realizado em Lião, em 1959, do qual participaram vários cientistas.

Outro fenômeno interessante, de que foram pioneiros E. Maffaccini e, mais recentemente, o Dr. Alexander Lenard, com o seu "Winnie ille Pu", é a versão para a língua de Roma, de obras da literatura moderna. A moda alastra-se vitoriosa em vários países. O Dr. Paulo Ronai publicou dois interessantes artigos, um no *Estado de São Paulo* (cf. "Suplemento Literário", 30-6-62) e outro no *Diário de Notícias* ("Suplemento Literário", 13-10-63), em que nos informa da curiosa ressurrei-

ção da Latinidade. No último dos artigos, intitulado "A vingança do latim", traz uma lista de livros vertidos para o idioma do Lácio. Aí encontramos o "Pequeno Príncipe" de Exupéry, o "Pinóquio" e outras histórias infantis. Nem falta um livro de receitas culinárias (sic!) traduzido pelo já famoso Dr. Alexander Lenard. Os tradutores e as editoras são de vários países: França, Alemanha, Suíça, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. No Brasil vemos uma edição do autor, outra vez o Dr. Lenard, de "Tristitia Salve", que é nada menos que a versão latina de "Bon jour Tristesse", de Françoise Sagan, cuja leitura, mesmo em Latim, não é de recomendar. . .

Desperta também a musa latina a cantar fatos e emoções da era dos mísseis. Transcrevo um trecho do Dr. Paulo Ronai a respeito de uma coletânea de poesias latinas, inspiradas nos mais variados e modernos assuntos: "Bastou ao organizador — Dr. Joseph Eberle, de Stuttgart, aliás, um dos autores incluídos, cujas "Laudes" recentemente comentei — inserir um apêlo em duas revistas de voluntária clandestinidade, pois impressas em latim para receber, de todos os cantos do mundo, inesperada multidão de poemas. A avalanche foi rigorosamente joeirada antes de entrar em máquina. Foram omitidos não apenas os trabalhos de escasso valor estético, como também os espécimes de poesia sacra e os versos de circunstância: para evitar a repetição, cancelaram-se peças que no assunto ou na inspiração se assemelhavam a outras. Ainda assim sobrou todo o material variado, que nos traz esta "Viva Camena, Latina huius aetatis carmina" (cf. "Suplemento Literário" em *Estado de São Paulo* de 30 de junho de 1962). O Dr. Joseph Eberle, animado certamente pelo êxito desta publicação, lançou outro volume de versos, "Amores". Revistas e jornais inteiramente escritos em Latim já se contam vários, na Europa e nos Estados Unidos.

Pôsto isto, não há que desesperar diante da triste situação da língua do Lácio no Brasil. Pode ser que a moda pegue entre nós, daqui a uns vinte anos. . . Além disso, é de se esperar que o ensino secundário sofra várias reformas até lá, como é de praxe. . .



(Continuação da pág. 237)

- *Perigos a evitar*: 1) isolamento mútuo dos colaboradores;
- 2) que os prefeitos protejam os "bons", e os professôres os inteligentes.

5. *Divisão do trabalho*

- Número suficiente de pessoal.
- Distribuição prudente
- Colaboração harmoniosa.
- O diretor deve ter direito e força efetiva para fazer todos os seus súditos servirem à sua vontade e à finalidade da educação.

- *Perigos a evitar*: 1) dispersão de forças, cada qual fazendo o que bem entende; 2) falta de liberdade, que paralisa o entusiasmo.

Novas Fundações Masculinas

O CERIS registrou em 1962 e 1963 a chegada ao Brasil de 9 ordens, congregações e sociedades, e 4 novas sedes de govêrno.

I — ORDENS, CONGREGAÇÕES E SOCIEDADES PROCEDENTES DO EXTERIOR

1 — CARIDADE, Congregação dos Filhos da

Fundação: França. *Data:* 25-12-1918. *Fundador:* P. J. E. Anizan, *Situação Canônica:* Congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade:* Evangelização da classe popular e pobre, missões paroquiais, obras operárias. *Chegada ao Brasil:* 1962. *Procedência:* França. 1.^a *Casa fundada:* R. Artur Alvim, 228, Belo Horizonte, MG. *Casa Geral:* 29 Avenue de la Motte-Picquet (Telef. Solférins 56-43) Paris 7, França. *Superior Geral:* Pe. Giuseppe Bouchaud. *Superior no Brasil:* Mean Le Berre. *Enderêço:* Paróquia do Bom Jesus, Hôrto, Belo Horizonte, MG.

2 — FRADES FRANCISCANOS DA RECONCILIAÇÃO, Congregação dos (S.A.)

Fundação: Graymoor, Garrison, Nova York, U.S.A. *Data:* 30 de outubro de 1909. *Fundador:* Pe. Paul James Francis Watson. *Situação Canônica:* Congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade:* a Unidade cristã e as Missões. *Chegada ao Brasil:* 16-8-1963. *Procedência:* Estados Unidos. 1.^a *Casa fundada:* Jataí, GO. *Casa Geral:* Graymoor, Garrison, Nova York, U.S.A. *Superior Geral:* Frei Bonaventure Koelzer. *Superior no Brasil:* Frei Camilo Daniel. *Enderêço:* Paróquia de São Sebastião, Cx.P. 2, Jataí, GO.

3 — IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, *Congregação do (C.I.C.M.)*

Fundação: Bélgica. *Data*: 1862. *Fundador*: Pe. Théophile Verbist. *Situação canônica*: Congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade*: conversão dos infiéis e salvação das almas. *Chegada ao Brasil*: 1963. *Procedência*: Bélgica. 1.^a *Casa Fundada*: Nova Iguaçu, RJ. *Casa Geral*: Chausseé de Nivone, Scheut Bruxelles 8, Bélgica. *Superior Geral*: Pe. Omer Degrijse. *Superior no Brasil*: Pe. Henrique Dominicus. *Enderêço*: Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, RJ.

4 — RESSURREIÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, *Congregação da (C.R.)*

Fundação: Roma, Itália. *Data*: 14-9-1842. *Fundadores*: PP. Doutores Adeodato Janski, Pedro Semenken e Gerolamo Kajsiewicz. *Situação canônica*: Congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade*: renovação social através da propagação do amor de Deus. Atividades paroquiais; educação da juventude em colégios e escolas. *Chegada ao Brasil*: 9-3-1959. *Procedência*: Itália. 1.^a *Casa fundada*: Resende, RJ. *Casa Geral*: Roma, 106, San Sebastianello 11, Itália. *Superior Geral*: Pe. Alfonso Eicheldinger. *Superior no Brasil*: Pe. Leon Wojtyniak. *Enderêço*: Casa Paroquial de Santa Cecília, Resende, RJ.

5 — SÃO PATRÍCIO PARA MISSÕES ESTRANGEIRAS, *Sociedade de*

Fundação: Irlanda. *Data*: 17-3-1932. *Fundadores*: Padres seculares irlandeses. *Situação canônica*: Sociedade de vida comum sem votos, direito pontifício. *Finalidade*: Pregação do Evangelho aos infiéis em terras de missões. *Chegada ao Brasil*: 9-11-1962. *Procedência*: Irlanda. 1.^a *Casa fundada*: Cotia, SP. *Casa Geral*: St. Patrick's Kiltegan, Co. Wickow, Irlanda. *Superior Geral*: Rev. Peter O'Reilly. *Superior no Brasil*: Padre Ciaran Needham. *Enderêço*: Paróquia N.^a S.^a do Monserrate, Rua Senador Feijó, 46, Cotia, SP.

6 — SÃO PEDRO "IN VINCULIS", *Sociedade de*

Fundação: Espanha. *Data*: 1839. *Fundador*:..... *Situação canônica*: congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade*: reeducação moral dos jovens transviados. *Chegada ao Brasil*: 196.. *Procedência*: 1.^a *Casa fundada*: Mara Rosa (Mun. de Amaro Leite), GO. *Casa Geral*: Calle Vilana 10, Barcelona, Espanha. *Superior Geral*: Pe. Illera Vicencio. *Superior no Brasil*: Pe. Lourenço Martinez. *Enderêço*: Mara Rosa (Mun. de Amaro Leite), GO.

7 — SCARBORO PARA AS MISSÕES ESTRANGEIRAS, Sociedade de (S.F.M.)

Fundação: Ontário, Canadá. *Data:* 1918. *Fundador:*
Situação canônica: Sociedade de vida comum sem votos, direito pontifício. *Finalidade:* Missões. *Chegada ao Brasil:* 196... *Procedência:* Canadá. *1.ª Casa fundada:* Itacoatiara, AM. *Casa Geral:* 2685 Kingston RD., Scarboro, Ontário, Canadá. *Superior Geral:* Pe. Francis Diemert. *Superior no Brasil:* Pe. Paulo Mc Hugh. *Enderêço:* Paróquia N.ª S.ª do Rosário, Itacoatiara, AM.

8 — SOMASCOS, Ordem dos Clérigos Regulares (C.R.S.)

Fundação: Veneza, Itália. *Data:* 1528. *Fundador:* São Jerônimo Emiliani. *Situação canônica:* Ordem de Clérigos Regulares — Direito Pontifício. *Finalidade:* educação dos órfãos e da juventude desamparada. *Chegada ao Brasil:* 14-12-1962. *Procedência:* Itália. *1.ª Casa Fundada:* Av. Brasil, 4825, Rio de Janeiro, GB. *Casa Geral:* Piazza S. Alessio 23, Roma, Itália. *Superior Geral:* Pe. Giuseppe Boezis. *Superior no Brasil:* Pe. Miguel Pietrangelo. *Enderêço:* Paróquia do Cristo Redentor, Avenida Brasil, 4825, Rio de Janeiro, GB.

9 — TRABALHO, Instituto dos Missionários do (M.O.)

Fundação: Seraing, Bélgica. *Data:* 1894. *Fundador:* Pe. Reyn. *Situação canônica:* Congregação religiosa clerical de direito pontifício. *Finalidade:* apostolado com os operários; escolas técnicas e profissionais. *Chegada ao Brasil:* 1963. *Procedência:* Bélgica. *1.ª Casa Fundada:* Coronel Fabriciano, MG. *Casa Geral:* Boulevard Lambermont 17, Bruxelas, Bélgica. *Superior Geral:* Pe. Guglielmo Van Nieuwenhuizen. *Superior no Brasil:* Pe. José de Man. *Enderêço:* Padres do Trabalho, Coronel Fabriciano, MG.

II — NOVAS SEDES DE GOVERNO E FUNDAÇÕES PROCEDENTES DO EXTERIOR, DE ORDENS E CONGREGAÇÕES JÁ EXISTENTES NO BRASIL

1 — MARIA IMACULADA, Congregação dos oblatos de

Chegada ao Brasil (data): 15-11-1962. *Procedência:* Irlanda. *Sede de Governo de origem:* Província Anglo-Irlandesa, Dublin, Irlanda. *Superior no Brasil:* Pe. Pedro Moriarty. *Enderêço:* Casa Paroquial, Mateira, GO.

2 — SANTO AGOSTINHO, Ordem dos Eremitas de

Chegada ao Brasil (data): 15-12-1962. *Procedência:* Ilha de Malta. *Sede de Governo de origem:* St. Augustin's Priory, Valletta, Malta.

Superior no Brasil: Pe. Paulo Maria Spiteri. *Enderêço*: Casa Nossa Senhora de Fátima, Vila Pilôto, Três Lagoas, MT.

3 — TERCEIRA ORDEM REGULAR

Chegada ao Brasil (data): 16-8-1962. *Procedência*: Estados Unidos. *Sede de Govêrno de origem*: Província do Sagrado Coração de Jesus, Loreto, Pennsylvania, U.S.A. *Superior no Brasil*: Pe. Frei Marcelo J. Smith. *Enderêço*: Casa Nossa Senhora de Loreto, Conjunto dos Comerciairos, 32, Cx. P. 391, Manaus, AM.

III — NOVA SEDE DE GOVÊRNO DESMEMBRADA DE OUTRA EXISTENTE NO BRASIL

1 — MARISTAS DAS ESCOLAS, Instituto dos Irmãos (Província de Caxias do Sul)

Ereção (data): 23-7-1963. *Enderêço provisório*: Instituto Nossa Senhora de Caravágio. Cx. P. 45, Farroupilha, RS. *Província de origem*: Província do Brasil Meridional, Av. Independência, 365, Pôrto Alegre, RS. *Provincial*: Ir. A. G. Biazus.

QUANTAS SÃO AS RELIGIOSAS? . . .

No mundo inteiro: aproximadamente 1 milhão — com 61% na Europa, 21% na América do Norte, 10% na América Latina. . .

Nos EUA: cêrca de 160 mil para 45 milhões de católicos — 1 para 281.

No Brasil: não passam de 37 mil para 75 milhões de católicos — 1 para 2027.

Temos, portanto, 3,7% de religiosas do mundo para 11-12% da população mundial católica!

Observação de uma religiosa em resposta a um questionário lançado recentemente pelo Departamento de Vocações da CRB: "Graças a Deus, não precisamos procurar as vocações pois elas vêm espontaneamente". Mas. . . e o espírito ecumênico? Eis a resposta de outra religiosa: "Desejamos muito a unificação do trabalho, pois sentimos a deficiência das forças isoladas e esperamos muito da CRB". Temos fé que tais esperanças não serão frustradas: apenas. . . um pouco de paciência e muita oração!

CASAS E RESIDÊNCIAS PAROQUIAIS DE RELIGIOSOS FUNDADAS EM 1962

(DE SACERDOTES)

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA OU PARÓQUIA	LOCALIDADE — UF
AGOSTINIANOS DA ASSUNÇÃO, Congreg. dos	São Paulo, SP Governador Portela, RJ	Paróquia Seminário - Retiro São José	Parapanema, SP Governador Portela, RJ
CARMELO, Ordem dos Irs. da B.V.M. do Monte	São Paulo, SP	Paróquia de N. Senhora	Santos, SP
CARMELO, Ordem dos Irs. Descalços da B.V.M. do Monte	Belo Horizonte, MG	Paróquia S. Sebastião	Nova Serrana, MG
DIVINA PROVIDÊNCIA, Pequena Obra da	Rio de Janeiro, GB São Paulo, SP Parangaba, CE	Seminário em construção Provincialato Salvatoriano Paróquia N. Sra. de Fátima	Quatro Barras, PR São Paulo, SP Patos, PB
DIVINO SALVADOR, Sociedade do	Rio de Janeiro, GB São Paulo, SP Belo Horizonte	Paróq. Santa Teresinha do M. Jesus Residência Franciscana Juvenato Franciscano Sto. Antônio Juvenato Franciscano S. Pascoal Residência S. José Residência N. Sra. de Nazaré	Belém, PA Guarus (Mun. Campos) RJ Betim, MG Três Passos, RS Santarém, PA Curuai, PA
ESPIRITO SANTO E DO IMAC. COR. DE MARIA, Cong.	Santarém, PA		
FRADES MENORES, Ordem dos	Caxias do Sul, RS Ponta Grossa, PR Salvador, BA São Luis, MA Brasília, DF	Paróquia N. Sra. Aparecida Paróquia da SS. Trindade Paróquia S. Judas Tadeu Paróquia Paróquia S. Sebastião	Ibirapuitã, RS Florianópolis, SC Aracaju, SE Primavera, PA Anápolis, GO
TRADES MENORES CAPUCHINHOS, Ordem dos	São Paulo, SP Recife, PE	Paróquia Ginásio Sto. Inácio Instituto Gonzaga	Londrina, PR Fortaleza, CE Juazeiro do Norte, CE
MACULADO CORAÇÃO DE MARIA, Cong. dos Miss. Fos. JESUS, Companhia de			

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA OU PARÓQUIA	LOCALIDADE — UF
MARIA IMACULADA, Cong. dos Oblatos de MISSÃO, Congregação da	Mateira, GO Rio de Janeiro, GB Fortaleza, CE	Paróquia N. Sra. da Conceição Seminário N. Sra. de Fátima Paróquia N. Sra. da Conceição Paróquia Sta. Rita	Mateira, GO Brasília, DF São Mamede, PB Coremas, PB
NOSSA SENHORA DE SION, Cong. dos PP. de SAGRADA FAMÍLIA, Congreg. dos Missionários	São Paulo, SP Crato, CE Passo Fundo, RS	Pré-Seminário N. Sra. de Sion Resid.-Paróq. N. Sra. da Conceição Paróquia Sta. Lúcia Seminário em construção	Sapucaí-Mirim, MG Recife, PE Anchieta, SC Rio Pardo, RS
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, Cong. dos Filhos	Ibiraçu, ES Balsas, MA	Seminário Diocesano João XXIII Santuário S. Judas Tadeu Paróquia S. José Operário Seminário S. Pio X	São Mateus, ES S. José do Rio Preto, SP Ecoporanga, ES Balsas, MA
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, Cong. dos Miss.	São Paulo, SP São Luís, MA Rio de Janeiro, GB Francisco Beltrão, PR	Paróquia S. João Batista Paróquia S. Miguel Paróquia Santa Helena Seminário Pe. Arnaldo Paróquia N. Sra. do Sagrado Coração	Palestina, SP Piquete, SP Santa Helena, MA Muriaé, MG Curitiba, PR
SAGRADOS CORAÇÕES DE JESUS E MARIA E DA ADOR. PERP. DO SS.SACTO DO ALTAR, Cong.	Belo Horizonte, MG Rio de Janeiro, GB	Paróquia N. Sra. da Abadia Paróquia S. Teodoro Paróquia N. Sra. das Graças Paróquia dos Sagrados Corações	Sítio da Abadia, GO Nova Roma, GO Veadeiros, GO Londrina, PR
SANTÍSSIMA CRUZ E PAIXÃO DE N. S. J. CRISTO, Cong. SANTÍSSIMO REDENTOR, Cong. do	S. L. Montes Belos, GO Campo Grande, MT Manaus, AM Fortaleza, CE	Paróquia S. Luiz Paróquia Santo Antônio Seminário Menor do SS. Redentor Casa Santo Afonso	S. L. Montes Belos, GO Campo Grande, MA Belém, PA Fortaleza, CE

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA OU PARÓQUIA	LOCALIDADE — UF
SANTO AGOSTINHO, Ordem dos Eremitas de	São Paulo, SP Três Lagoas, MT	Colégio S. José Casa N. Sra. de Fátima	S. José do Rio Preto, SP Três Lagoas, MT
SANTO AGOSTINHO, Ordem dos Recoletos de	Ribeirão Preto, SP	Residência S. José Operário	Araçatuba, SP
SÃO BENTO, Cong. Americana Cas-sinense da Ordem de	Minheiros, GO	Mosteiro de S. José	Minheiros, GO
SÃO CARLOS, Pia Sociedade dos Miss. de	São Paulo, SP	Paróquia N. Sra. das Graças	Santa Fé, PR
SÃO FRANCISCO DE SALES, Cong. dos Missionários	São Paulo, SP	Seminário N. Sra. das Dores	Itapeçerica da Serra, SP
SÃO FRANCISCO DE SALES, Cong. dos Oblatos	Braga, RS	Paróquia	Campo Novo, RS
SÃO FRANCISCO DE SALES, Sociedade de	Campo Grande, MT	Patronato Salesiano D. Aquino	Maracaju, MT
SÃO FRANCISCO XAVIER P/AS MISSOES ESTRANGEIRAS, Pia Sociedade de	São Paulo, SP	Igreja N. Sra. das Mercês Paróquia	Belém, PA Tomé-Açu, PA
SOMASCOS, Ordem dos Clérigos Regulares	Rio de Janeiro, GB Manaus, AM	Paróquia do Cristo Redentor Paróquia N. Sra. da Assunção	Rio de Janeiro, GB Canumã, AM
TERCEIRA ORDEM REGULAR	Juz de Fora, MG	Paróquia do Verbo Divino	Brasília, DF
VERBO DIVINO, Sociedade do	Santo Amaro, SP	Paróquia Sagrado Coração de Jesus Missão Japonesa	Marechal C. Rondon, PR Suzano, SP

(DE IRMÃOS DE CONGREGAÇÕES LAICAIS)

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA	LOCALIDADE — UF
ESCOLAS CRISTAS, Instituto dos Irmãos das	São Paulo, SP	Ginásio La Salle Colégio La Salle Juvenato La Salle	Bauru, SP Brasília, DF Francisco Beltrão, PR
IMACULADA CONCEIÇÃO DA SS. VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS MISERICÓRDIA, Cong. dos Irs. da B.V.M. Mãe da	Cáceres, MT Belo Horizonte, MG	Ginásio Planalto Casa "Mater Misericordiae"	Formosa, GO Belo Horizonte, MG

CASAS E RESIDÊNCIAS PAROQUIAIS DE RELIGIOSOS FECHADAS EM 1962

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA OU PARÓQUIA	LOCALIDADE — UF
AGOSTINIANOS DA ASSUNÇÃO, Congreg. dos	São Paulo, SP	Convento N. Sra. Aparecida	São Paulo, SP
CARMELO, Ordem dos Irs. da B.V.M. do Monte	São Paulo, SP	Convento do Carmo	Curitiba, PR
FRADES MENORES CONVENTUAIS, Ordem dos	Santo André, SP	Convento N. Sra. da Candelária	S. Caetano do Sul, SP
MISSÃO, Congregação da	Rio de Janeiro, GB	Casa da Missão Seminário de Santo Antônio	Recife, PE São Luís, MA
MARISTAS DAS ESCOLAS, Instituto dos Irmãos	Recife, PE	Juvenato S. José	Missão Velha, CE
NOSSA SENHORA DE SION, Congreg. dos Padres de	São Paulo, SP	Paróquia S. Benedito	Passos, MG

ORDENS OU CONGREGAÇÕES	SEDE	NOME DA CASA OU PARÓQUIA	LOCALIDADE — UF
SANTÍSSIMO REDENTOR, Cong. do	Juiz de Fora, MG Recife, PE	Juniorato S. José Casa Paroquial do Bom Jesus	Sta. Rita do Sapucaí, MG Souza, PB
SANTO AGOSTINHO, Ordem dos Ere- mitas de	São Paulo, SP	Paróquia S. João	Palestina, SP
SÃO FRANCISCO DE SALES, Socie- dade de	Campo Grande, MT	Missão Salesiana Sta. Teresinha Missão Salesiana	Santa Teresinha, MT Xavantina, MT
SÃO FRANCISCO XAVIER PARA AS MISSÕES ESTRANGEIRAS, Pia	São Paulo, SP	Casa Regional (R. Gregório Serrão) Paróquia N. Sra. da Guia	São Paulo, SP Cêrro Azul, PR
VERBO DIVINO, Sociedade do	Santo Amaro, SP	Pré-Juvenato (vacat.) Fazenda (vacat.)	São José dos Pinhais, PR Iguatemi, MT

CERIS — Departamento de Estatística da CRB, 1964

Note e Anote:

MISSIONÁRIOS COMBONIANOS EXPULSOS DO SUDÃO

O ÚLTIMO GRUPO. — No dia 9 de março, chegava ao aeroporto de Roma, vindo de Kartum, o último grupo de 135 missionários, expulsos do Sudão porque indesejáveis. Foram eles recebidos no dito aeroporto pelo Cardeal Agajanian, Prefeito da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, pelo Secretário da mesma Sagrada Congregação, Dom Pedro Sigismondi, e por Dom Guido Delmestri, Delegado Apostólico da África Oriental. Pouco depois Sua Santidade Paulo VI recebia este grupo de missionários. Confortou-os e uniu a sua dor às lágrimas daqueles que pela Fé foram injuriados e expulsos.

No número desta falange de enviados de Cristo contava-se Dom Sixto Mazzoldi, Bispo de Juba, e Monsenhor Domingos Ferrara, Prefeito Apostólico de Mopoi. Dom Sixto, visivelmente comovido, disse aos jornalistas que o cercavam: “Vivi 33 anos como missionário em Juba, amando a comunidade cristã que vi crescer do quase nada até se transformar numa Igreja de 300 000 fiéis. No dia 27 de fevereiro, uma delegação do Governo de Kartum mandou que nenhum missionário saísse das suas casas e, na tarde do dia 28, recebemos a informação de que devíamos todos deixar imediatamente o País. Perguntei à delegação qual era o motivo. Obtive esta resposta: “O Governo não está obrigado a dar explicações”. Foram afastados brutalmente os fiéis que queriam aproximar-se de nós. Em certa altura, porém, romperam os cordões da polícia e entraram conosco na igreja onde, chorando, rezamos juntos e onde os abençoei pela última vez”.

Mons. Ferrara declarava: “Há trinta anos que vivia no Sudão, e agora fui obrigado a sair pela força. Não me deram nem a permissão de levar comigo o retrato de minha mãe que guardava em cima da mesa do escritório. Despojaram-me de tudo, até do pouco dinheiro que tinha no bolso e que queria entregar aos padres sudaneses”.

Para estes missionários não houve trabalho na alfândega: nada traziam consigo, nem sequer uma pequena maleta com os objetos pessoais. Assinaram foram expulsos os últimos missionários do Sul do Sudão, onde há dois anos havia mais de 500 missionários e missionárias combonianos.

MARAVILHOSA E HERÓICA EVANGELIZAÇÃO. — Foi há 60 anos que as tribos negras do Sul do Sudão começaram a receber a luz do Evangelho. Não obstante tudo, ficam nessas paragens um bispo e um administrador apostólico, 16 padres sudaneses (13 seculares e 3 combonianos), 3 seminários menores com 400 alunos e um seminário maior.

Infelizmente, porém, a perseguição vai continuar. Os policiais, enquanto arrancavam os missionários de suas casas, diziam aos padres indígenas: "Havemos de nos desembaraçar também de vocês". E agora será fácil, porque não haverá mais testemunhas indiscretas observando a opressão do povo negro pelo Governo árabe de Kartum.

CONCENTRAÇÃO NO AEROPORTO DE KARTUM. — Mais de trezentos missionários ficaram concentrados no aeroporto de Kartum, aguardando a saída que foi feita em três grupos. Entretanto, nas praças da cidade projetava-se um documentário falso, onde se viam soldados saírem das igrejas com braçadas de fuzis e dizendo: "Aí está a prova da ligação existente entre os padres estrangeiros e os rebeldes".

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA E RACIAL. — Os árabes muçulmanos que governam o País e moram no Norte do Sudão tratam como escravo o povo negro do Sul e querem impor-lhe a religião muçulmana, porque assim esperam dominá-lo para sempre. A população negra é de 4 milhões, com pouquíssimos muçulmanos, 500 mil católicos e uns milhares de protestantes. Os nortistas querem destruir completamente a fé cristã. Houve protesto do Governo italiano e haverá vozes que na ONU se levantarão contra esta opressão da liberdade religiosa, mas infelizmente não é de contar com uma ação enérgica, e tudo ficará no esquecimento, e os gritos dos oprimidos ficarão abafados. Sabemos já que um sacerdote sudanês está prêso, e outro teve de se refugiar no Congo. Em Wau foram prêsas umas centenas de pessoas, e no dia 25 de fevereiro três foram enforcadas e cinco condenadas a prisão perpétua.

(De uma entrevista concedida à CRB-Nacional por um dos combonianos desterrados)

IRMÃ MARIA GERTRUDES HANKE

De Viena, uma senhora de 84 anos, e que há mais de três anos aguarda notícias desta religiosa, solicita-nos o seu enderêço. Dantes, as cartas seguiam para a Caixa Postal 4782 de São Paulo. Agora, essa Caixa não existe mais.

Agradeceríamos a quem nos pudesse informar, certos de que estaríamos fazendo um grande ato de caridade, sabendo dos laços que ligam a correspondente com a religiosa acima mencionada.

Qualquer notícia a respeito, deverá ser dirigida à

Diretoria da CRB-Nacional.

Recensões Bibliográficas

D. ARANZADI e G. GINER, *Uma Escola Social*, Edições Loyola, São Paulo, 1962, 430 pp.

É uma obra de grande atualidade, tanto pelo seu conteúdo como pelo método didático. É a obra esperada para a formação social de nossa juventude sequiosa de soluções justas e humanas dos problemas sociais do mundo atual.

Na presente obra abordam-se os problemas sociais mais candentes, como o da moradia, o da fome, o da ignorância, o das reformas agrárias, o da empresa, etc. Apresenta a crítica das soluções falsas e oferece a verdadeira solução: a cristã.

Uma Escola Social é uma resposta valente e destemida à situação injusta da sociedade atual. Muitos centros de ensino adotaram esta obra como texto, sendo unânimes em afirmar que está sendo de grande proveito para os jovens estudantes.

Pe. Victoriano B. Miguel, S.J.

GODEARDO BAQUERO, *Métodos e Técnicas da Orientação Educacional*, Edições Loyola, São Paulo, 1962, 319 pp.

É a primeira obra de língua portuguesa, no campo de orientação educacional, que trata do processo orientacional de modo prático. Deixando para outros manuais a parte teórica da orientação, o autor nos apresenta, com grande experiência, as técnicas a serem usadas no processo imediato da orientação.

Os que se dedicam à orientação encontram, neste manual, um roteiro completo, prático e simples a seu serviço. Os alunos dos cursos de Orientação e de Pedagogia encontrarão, nesta obra, um guia verdadeiro e útil, tanto durante os estudos, como no trabalho direto da orientação.

Pe. Victoriano B. Miguel, S.J.

LIVROS

Da Editora Vozes, Petrópolis, RJ:

DOUGLAS HYDE, *Dois Mundos em Choque*, 1964, 1 vol. br., 160x110 mm, 372 pp.

PADRE RICARDO GRAEF, C.S.S.P., *Vida Em Abundância*, Meditações sobre a SS. Eucaristia. Trad. de Pe. Diniz Mikosz, 1963, 1 vol. enc., 155x105 mm, 134 pp.

ALUÍSIO DE ALMEIDA, *Campina do Monte Alegre* (Romance), 1964, 1 vol. br., 185x130 mm, 112 pp.

ROSÁRIO TOSTO, *História da Literatura Italiana*, Vol. III, sécs. XIX e XX. Trad. e Pref. de Luigi Castagnola, 1963, vol. br., 220x150 mm, 232 pp.

ODETTE DE BARROS MOTT, *O Mistério do Botão Negro* (Novela), 1963, 1 vol. br., 185x130 mm, 94 pp.

EQUIPE DE FRANCISCANOS, *Novas Religiões Japonêses no Brasil* (Vozes em Defesa da Fé — Cad. n.º 60), 1964, 1 op.br., 180x125 mm, 37 pp.

PIO BENEDITO OTTONI, *O Cisma do Oriente* (Vozes em Defesa da Fé — Cad. n.º 58), 1963, 1 op.br., 180x125 mm, 24 pp.

MONS. FULTON J. SHEEN, *Comunismo: Ópio do Povo* (Vozes em Defesa da Fé — Cad. n.º 59), 1963, 1 op.br., 180x125 mm, 32 pp.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição "Sacrosanctum Concilium"* (Documentos Pontifícios n.º 144), s.d., 1 op.br., 175x120 mm, 48 pp.

JOHN J. CONCIDINE, M. M., *O Papel da Igreja no Melhoramento Sócio-Econômico*, 1964, 1 vol. br., 220x145 mm, 224 pp.

DOM MARCOS BARBOSA, O.S.B., *Para preparar e celebrar a Páscoa* (autos, diálogos e jogo cênico), 1964, 1 vol. br., 185x125 mm, 111 pp.

KARL RAHNER, *A Caminho do "Homem Novo"* (A Fé Cristã e Ideologias Terrenas do Futuro), n.º 7 da col. "Igreja Hoje," 1964, 1 op.br., 220x150 mm, 20 pp.

PAULO VI, *Abertura da II Sessão do Concílio Vaticano II* (Discurso "Salvete, Fratres") — Doc.Pont. n.º 143, s.d., 1 op.br., 175x120 mm, 23 pp.

CONCÍLIO VATICANO II, *Sobre os Meios de Comunicação Social* (Decreto "Inter mirifica") — Doc.Pont. n.º 145, s.d., 1 op.br., 175x120 mm, 15 pp.

PAULO VI, *Sobre os Seminários* (Carta Apostólica "Summi Dei Verbum" e Alocução "Il grande Rito") — Doc.Pont. n.º 146, s.d., 1 op.br., 175x120 mm, 31 pp.

De outras editoras :

BERNARDO HARING, C. SS. R., *Vaticano II, o Concílio dos Irmãos* (O último livro que leu o Papa João XXIII, cuja leitura recomendou a muitos Bispos e do qual disse: "como me senti confortado ao lê-lo!"), Editorial Perpétuo Socorro, Porto, Portugal, s.d., 1 vol. br., 190x120 mm, 120 pp. Distribuidora no Brasil: Oficinas Gráficas Editora, Santuário de Aparecida Ltda., Aparecida, SP.

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA, *Rainha da Beleza* (Biografia de Maria Teresa González-Quevedo Cadarso), Editora Lar Católico, Juiz de Fora, MG, 1963, 1 vol. br., 178x130 mm, 52 pp.

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA, *A mais bela Miss* (Maria Teresa González-Quevedo Cadarso) 2a. edição, Edições Paulinas, s.d., 1 vol. br., 178x125 mm, 176 pp.

REVISTAS

Do Brasil :

Cadernos Vocacionais — março-abril 1964, São Paulo

Carta aos Padres — jan.-fev.-março 1964, São Paulo

Convivium — março 1964, São Paulo

Sponsa Christi — março 1964, Petrópolis

Vozes — março 1964, Petrópolis

Do Exterior :

Lumen — fevereiro 1964, Lisboa

Organizacion Nacional de Obras Católicas — janeiro 1964, La Paz, Bolívia

Prêtres Diocésains — fevereiro 1964, Paris

Rivista delle Religiose — fevereiro 1964, Roma

Seminarium — jan.-março 1964, Roma

Spicilegium Historicum, C.SS.R. — Ano XI, Fasc. 2, 1963, Roma

Teologia y Vida — out.-dezembro 1963, Santiago do Chile